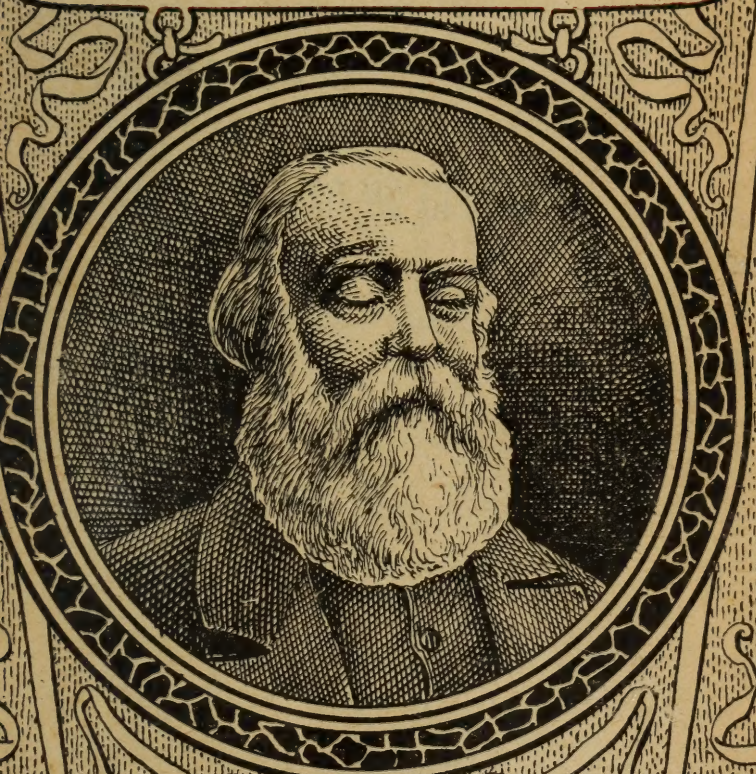
3 1761 07048250 0

OBRAS COMPLETAS
DE
A. F. DE CASTILHO

42

CASOS DO MEU TEMPO



LIVRARIA BARATEIRA
LISBOA
34-RUA DO DUQUE-36. Tel. T. 1264

OBRAS COMPLETAS
DE
A. F. DE CASTILHO

Mário Filipe da Silva Leite
ten. art.
Cubango / Setembro / 1944

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 42.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV e V—Felicidade pela Agricultura (2 vol.)
VI e VII—A primavera (2 vol.)
VIII a XV—Vivos e mortos — Apreciações moraes, literarias, e artisticas (8 vol.)
XVI a XVIII—Excavações poeticas (3 vol.)
XIX e XX—O Presbyterio da montanha (2 vol.)
XXI e XXII—O Outono (2 vol.)
XXIII a XXVI—Quadros historicos de Portugal (4 vol.)
XXVII e XXVIII—Novas excavações poeticas (2 v.)
XXIX a XXXII—Camões, drama e notas (4 vol.)
XXXIII—Canáce, tragedia original.
XXXIV—Um anjo da pelle do diabo.—O casamento de oiro.
XXXV—Aristodemo, tragedia. — A volta inesperada, farça.
XXXVI—A festa do amor filial. — A filha para casar.
XXXVII e XXXVIII—Palestras religiosas (2 vol.)
XXXIX a XLII—Casos do meu tempo (4 vol.)

NO PRÉLO:

XLIII—Casos do meu tempo (5.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

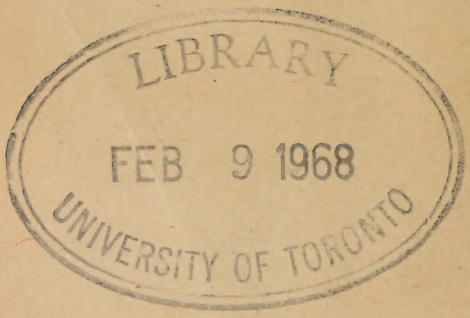
XLII

CASOS DO MEU TEMPO

VOLUME IV

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95 || TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens
1906

PQ
9261
C34C35
v.4



CV

Distracção

(Fevereiro de 1843)

Um de nossos literatos mais distintos sahia de sua casa, quando um de nossos artistas musicos mais habeis lhe chegava á porta.

—Agora mesmo ia eu procural o — diz o primeiro.

— Excellentemente — responde o segundo; — tenho um favor que pedir-lhe.

—Recebi uma carta...

—E eu outra.

—Que não percebo.

—Nem eu a minha; e por isso é que venho consultal o.

—Vel-a-hemos; mas primeiro me ha-de dizer como hei-de responder a esta.

Ambas as cartas se presentam ao mesmo tempo.

Na que era dirigida ao literato, se lhe pedia, com o maior empenho, adaptasse algum trecho de musica bonito e análogo, á letra de uma xácara que inclusa se lhe remettia; e o literato não distinguia o dó do ré.

Na do compositor, requeria-se-lhe, com o maior empenho, que désse uma descripção (quanto possivel fosse) exacta, dos trajos

assim de mulher como de homem, civís e militares, no tempo d'el-Rei D. João II, para se vestirem apropriadamente as figuras de uma comedia que já se andava a ensaiar; estudos, a que o bom do compositor era completamente extranho.

Ambas estas cartas vinham escritas com a mesma letra, e assignadas com o mesmo nome: o nome do autor da xácara a quem a peça pertencia. O poeta

On peut être, á mon sens, homme sage, et distraît,

havia feito como o Leandro de Regnard, que, escrevendo duas cartas de amores, pôz o nome de Isabel na de Clarice e o nome de Clarice na de Isabel.

Deslindado o negocio, e trocadas as cartas, tudo se arranjou ás mil maravilhas. O excellente drama, que esteve em perigos de levar, em vez de musica, algum *charivari* como os da opera lyrica, e por vestuário alguma *normalidade*, como muitas das dos Condes, sahirá verdadeiro nos trajos, como em tudo mais; e, como em tudo mais, delicioso na cantoria.

(*Rev. Univ.*)

CVI

Singular causa de incendios

(Fevereiro de 1843)

No *Constitutionnel*, de París, de 27 de Janeiro, se lê que, tendo occorrido varios incendios nos arredores de Vassy, o Juiz de paz do cantão de Montrender se dirigiu aos sitios d'elles para lhes averiguar as causas. Por mais que investigou, não poude descobrir que fosse posto a acinte. Constou-lhe, ao mesmo tempo, que haviam por ali cahido n'essa occasião alguns aerolithos; e escreveu á Academia, que lhe parecia poder ser aquella a origem dos incendios.

Para ajudar esta suspeita do Juiz de paz, declarou á mesma Academia o célebre Arago, que, estando elle, em Novembro do anno findo, n'uma casa de campo pouco afastada de París, lhe contára o *Maire*, que, andando algumas crianças a brincar ao pé de uma meda de trigo, e acertando de cahir n'ella uma d'estas chamadas *estrellas-cadentes*, *meteóros*, *exhalações*, ou *chammas fátuas*, para logo se lhe ateára o fogo; o que Arago immediatamente afirmou ser possivel.

Em consequencia d'isto, e tendo-se já começado algumas diligencias contra pessoas

de má nota, a quem os incendios se atribuiam, pôz-se-lhes pedra em cima, por se entender que a incendiária poderia ter sido a Natureza.

¡Ora quem acreditaria que a Lua, chamada pelos poetas de todos os tempos a *suave*, a *pacifica*, a *melancólica*, a *amiga dos campos*, e outras gentilezas, havia, com suas pedradas inflammadas, de vir lançar-nos fogo á nossa Terra! porque emfim, os *aerolithos*, (segundo a opinião de muitos physicos modernos) de lá nos veem despedidos pelos seus vulcões; e as *estrellas cadentes* (como hoje se persuadem muitos) não são mais nem menos que o luzir d'esses mesmos aerolithos atravessando os ares.

¡Fiar lá nas visinhas pela boa cara!

(Rev. Univ.)

CVII

Dois phenómenos encontrados

(Fevereiro de 1843)

Um pobre trabalhador, assistente em Alcantara, recolhia, cançado das fadigas diurnas, para a sua humilde habitação, saboreando-se já em espirito no só-por-só da sua ceiasinha frugal, entre a lareira e a enxerga, com sua mulher moça e amavel.

Sua mulher é toda a sua familia, todo o ornamento e luxo da sua vivenda, toda a sua fortuna, o *alpha* e o *ómega* de todos os seus desejos. Filhos, não os tem, nem por ora a mais leve esperança d'elles. Cifra n'ella, só, o amor que havia de repartir pelos herdeiros da sua penuria. O affecto assim simplificado é uma grande economia: não ha, para tempos de decimas industriaes, como aquillo de ser proletario... sem prole.

Alguma coisa podia pensar semelhante a isto o nosso homem, quando bateu á sua porta.

A mulher, que voava sempre a abrir-lh'a, como se a meia-légua lhe presentisse os passos, tarda d'esta vez. Redobram as argoladas. Acode emfim; mas tão debilitada, tão frouxa no andar e sumida na voz, que á sua vista o marido se perturba, e concebe um

terror vago, que immediatamente cede logar á mais indefinivel suspensão...

A luz trémula da candeia lhe descobre... que é pae. A mulher, na sua ausencia, havia-se entretido em dar á luz uma linda criatura, de cuja existencia nunca entre elles houvera a minima suspeita.

*

O amor paterno é muitas vezes tão fraco financeiro, como muitos dos financeiros mais acreditados. A vista d'aquelle rostinho transformou todas as suas ideias. As graças, que até ali dava á Providencia por não ter mais que a sua companheira, dá-lh'as agora centuplicadas, e mais fervorosas, por lhe ter enviado um companheirinho para ella, e um arrimo para a futura velhice de ambos.

Obriga a pobre mulher a tornar-se á cama; põe-lhe nos braços aquella cifrasinha animada de toda a sua ternura; reparte entre ambas as suas caricias; e, mais glorioso do que se lhe acabassem de enviar uma patente de Conselheiro, ou uma escritura de doação dos fornos da cal, sai correndo pela visinhança, dando parte da sua fortuna, e acrescentando, com tom mysterioso, que havia muito que elle trazia suas desconfianças, mas que, até ver, nunca lhes quizera falar em tal.

Corre a casa dos sógros, pedindo-lhes alviçaras, propondo-lhes... que adivinhem de quê, e não lhes dando tempo para adivinharem; é um segredo que o abafa se não sai logo.

Já a casinha trasborda de gente, como nunca trasbordou de sôpas a sua frigideira.

*

O nascimento de um filho é uma benção. Entrou por aquella porta a abundancia. Gallinhas, vacca, marmelada, e até pães alvos... é a qual melhor ha-de regalar a parida.

Passou-se a noite em festa; a criancinha, e o parecido de todas as suas feições com as do pae, eram o thema inexgotavel de todas as saudes. Tudo n'elle era gentil para os ouvidos paternos; até o seu proprio chorar continha muito mais melodia, que a *desgarrada*.

O dia seguinte foi ainda uma continuação d'aquella verdadeira noite *de natal*...

*

...Na manhan porém do terceiro...

¿Que aconteceria na manhan do terceiro? Não ha ahi dramatisante capaz de o adivinhar; é um desfecho, que nem Soulié, chronista do Diabo, o phantasiaria.

Na manhan do terceiro... apparece o cabo de segurança... pedindo o recemnascido.

Espanta-se e desespera-se o dono da casa. Contribuição nos filhos (pelo menos d'aquella edade), ainda lhe não consta que se ponha. Significa-lhe o cabo, que... o seu filho... não foi sua mulher quem o teve; que a mãe assiste nas Pedreiras de Alcantara; e que, fundada n'um texto do Direito romano, que nem ella nem elles sabem, mas que diz que o parto segue ao ventre, o reivindica.

Depois de longas explicações, comprehendeu emfim o homem.... que seu filho não era *seu filho*; com o quê, mais de metade

da formosura que lhe achava se desvaneceu para logo; e a *musica*, de que até ahi andava encantado, reconheceu claramente que não era mais nem menos do que um berreiro de creança.

*

Fôra o caso, que uma donzella, amiga de sua mulher, e moradora ahi para as Pedreiras, havendo dado á luz o innocente, a mandou chamar a toda a pressa, e lhe pediu que lh'o fosse metter na roda.

Recebendo nos seus braços ao recemnascido, a boa mulher como que sentira entrar tambem para o seu peito o coração da mãe; e, sem nada lhe dizer, assentou para logo em o criar por filho seu, enganando piedosamente a seu proprio marido.

Sabedora da fraude a das Pedreiras, e tão dura e tão bruta como ellas, recorreu á autoridade do cabo para rehaver a sua propriedade, e fazer d'ella o uso que lhe aprouvesse.

Ignoramos se a vista de seu filho, os seus vagidos dolorosos, o exemplo da depositaria tão virtuosamente infiel, a publicidade do caso, e o conhecimento que d'elle teve a Autoridade, obrigariam, ou não, a repulsadora de suas proprias entranhas a desistir do seu barbaro projecto, dar-lhe o leite, que a Natureza lhe não concedeu senão para aquillo, e expiar as suas duas offensas, a primeira contra a Honra, a segunda contra a Natureza, reconquistando, a poder de amor, o sagrado titulo de Mãe.

(*Rev. Univ.*)

CVIII

Ruina desastrada

(Março de 1843)

Batiam as 3 horas da noite de 24 para 25 na torre da Cathedral, quando um grande estrondo, immediatamente seguido de clamores consternados, se levanta na encosta occidental do castello de S. Jorge.

Um bom lanço de muro altissimo de um quintal da rua das Farinhas acaba de se despenhar, alagando para o lado fronteiro algumas barracas habitadas no chamado pateo da Castelhana.

O Regedor da parochia manda instantaneamente tocar a fogo; é uma feliz inspiração: urge reunir grande numero de braços vigorosos, para arrancar de sob as ruinas alguns infelizes, cujas vozes soterradas clamam por soccorro. Ajudado dos bombeiros desentulha a toda a pressa na direcção d'onde se ouvem os lamentos.

De cinco ou seis familias, moradoras nas barracas submergidas, tudo sai illeso, á excepção de duas mulheres gravemente feridas, e uma, a quem o terror, ou a falta de ar, ou ambas essas causas juntas, arrancaram a existencia. Em todo o seu corpo não ha a

mais leve contusão; e seu marido, que jazia na mesma cama, sahiu são e salvo.

Com mais alguns momentos de tardança, o numero das victimas haveria sido muito maior. Os tectos d'aquellas humildes habitações, uns assoberbados do repentino pezo, outros faltando-lhes os apoios da parede externa, tinham-se alquebrado, e, gemendo e bojando para dentro cada vez mais, de instante para instante, ameaçavam infallivel destruição a quanto cobriam.

Eis aqui outra dura prova da rasão, com que, no artigo 1:011,[1] pedimos que, antes de começarem as assolações do inverno, mandassem o Concelho do Municipio, ou as Obras publicas, fazer uma rigorosa vistoria a todos os predios, muros, ou ribanceiras, que por sua decrepidez, ou quaesquer outros motivos, ameaçassem despenho.

Se taes providencias se observassem, ter-se hia poupado esta desgraça, e as mais que já teem occorrido, e Deus sabe quantas outras que se estão chocando para o futuro.

(*Rev. Univ.*)

[1] Esse artigo, a pag. 93 do vol. II da *Revista*, é assignado por J. da C. Cascaes; por não ser de Castilho o omittimos.

Os Editores.

CIX

Napoleão, ou a conjuração dos artistas

(Março de 1843)

A peça assim intitulada, e composta pelo snr. Perini, foi á scena no Salitre, n'um dos dias da semana passada, em beneficio da snr.ª Maria José dos Santos. Não havendo nós assistido a essa representação, e não conhecendo o drama, só da voz publica podemos tirar a nossa relação: o drama cahiu. Nem a *conjuração dos artistas*, nem o grande *Napoleão*, lhe valeram.

Não podemos dizer se o Público teve, ou não teve, rasão (que uma e outra coisa é mui possivel); mas o que nos affirmam é que a pateada fôra d'aquellas, que matam um poema logo á nascença; pateada joco-séria, de trovoada e de risota, da plateia e dos camarotes, e desde as frisas até ás torrinhas.

....*Summo ululârunt vertice Nymphæ.*

Um Inglez, que se achava na superior, foi um dos principaes desafiadores da hilaridade, porque, enfastiado ou da peça, ou do modo como a representavam (o que não prova

que uma ou outra coisa fosse má) não cessava de pedir a grandes vozes:

—*Musique, musique*; *faz vossemecê musique*; *nó fala.*

Um thema d'estes não era para ser perdido: d'ahi por diante, a fórmula da reprovação não era outra, senão uma grita geral de

—¡*Musique! ¡musique!*

Morreu. Seja-lhe o palco leve.

(*Rev. Univ*)

CX

O carnaval

(Março de 1843)

O d'este anno, a despeito do rigor da estação, que só no terceiro dos tres dias *solemnes* deixou ver o sol, foi abundante de feijões e tremoços, representações, bailes, e mascaras.

A generalidade de taes dispendios populares (observa um philosopho) é sempre um symptoma de pobreza. A nossa já não carecia de taes provas para ser conhecida.

Em geral, duas coisas podémos observar n'este entrudo: os brincos selvagens passaram de moda, mas o bom gosto na escolha dos divertimentos não se tem apurado. Os nossos mascarados são, com pouquissimas excepções, insignificantes autómatos, que dizem pouco, e não significam nada. Tomam uma mascara e qualquer vestido que não seja o seu, e com isso teem satisfeito a sua consciencia de carnaval.

O baile mascarado de S. Carlos esteve deploravel nas duas primeiras noites; na terceira concorreu gente bastante, e os disfarces chegariam a cento e cincoenta.

O sahimento do entrudo ao bater da meia-

noite foi espancado e corrido com tal pateada, que os da comitiva se tornaram sem o haverem podido enterrar. Com rasão. A parodia da coisa mais solemne e tremenda do mundo é abominavel n'uma festa. Os cantos e trajos da Egreja, atraz de um pendão com Cruz e caveira, precedendo a um esquife com um mono dentro, é uma tão insensata e semsabor impiedade, que devem para sempre desterral-a.

Outro tanto dizemos dos habitos religiosos, com que alguns mascarados andavam promovendo o já pleonástico desprezo das coisas da Egreja, na hora mesma que precede ao dia das cinzas, ¡na entrada do tempo da penitencia!

(*Rev. Univ.*)

CXI

Tratamentos

(Março de 1843)

A mulher de um escrivão provinciano (segundo refere na *Revolução de Setembro* um de seus correspondentes) tinha posse antiga, pacifica, e não interrompida, do tratamento de Dom; Dom illegitimo, na verdade, como tantos; mas, como tantos e como todos, innocente por sua completissima insignificancia.

Como aquelles, que, á força de repetirem uma peta que inventaram, chegam a final a persuadir-se d'ella, disfrutava a boa mulher o seu *Dom* com a mais plena boa-fé; e *Dona* se assignou, com seu marido, n'um requerimento para uma acção de fôrça contra outro Escrivão da mesma terra, intentada não sabemos por quê.

Sabia-o porém o adversario; e, para obstar ao andamento do processo com uma boa *sobre-roda*, logo no principio d'elle, se lhe oppôz com uma *excepção*, argumentando não contra o *diz*, nem contra o nome, mas simplesmente contra o *Dom* que o precedia; ao qual se arremeçou, armado como um philisteu, com a Ordenação, do Livro V, titu-

lo 92, § 7.º, e as leis de 3 de Janeiro de 1611, e 9 dito de 1739.

¡Contra uma fraca dama, ó carniceiros,
ferozes vos mostrais e cavalleiros!

Triumphou. O Juiz recebeu a *excepção*; condemnou a dama a passar sem *Dom* o resto da vida; e riscaram lhe o *Dom* dos autos, que mais se não podesse ler.

Requereu a despojada na maior consternação, allegando com a *posse* e *uso;* e as anachronicas entranhas de ferro do Magistrado permaneceram inabalaveis.

O narrador do feito desenrola diante das leitoras este sudario, para as exhortar a não quererem tratamento, que pelas ordenações e leis do Reino lhes não compita. E' o mesmo, que ensinar fabulas de Lafontaine a meninos, ou prégar redomas para beldroégas em Portugal.

*

Mas (falando sinceramente) não vemos no moralisador razão alguma de tomo para tal empenho.

¿Que mal fazem hoje o *Dom*, a *Senhoria*, a *Excellencia,* e todas as mais distincções de egual jaez? Nenhum. Nem sequer já são ridiculas.

Quando as *castas* eram, e se queriam, estremadas, quando palavras e fitas se guardavam para recompensas de serviços, havia fôrça, porque havia rasão, n'essas pragmaticas. ¡Mas hoje!!.....

Antes nos parece que, se chegassemos

(como quer que fosse) a uniformar os tratamentos, a usarmos todos indistintamente do *Dom* e da *Excellencia*, como já usámos do *Vôs*, e como os Antigos usaram do *Tu*, os autores de novellas, e os de theatro, ganhariam n'essa innovação uma grandissima facilidade para bem escrever.

Vossa Excellencia, e Vossa Senhoria,
juraram nunca entrar na alta poesia,

diz o nosso bom Filinto, e diz a verdade; mas ¿d'onde provém isso? da não generalidade.

Quando, safadas pelo uso, *Senhorias* e *Excellencias*, ou fôrem para todos sem excepção, ou, por inuteis, cederem a vez, não dizemos ao *Vossa Mercê*, mas simplesmente ao *Vós*, a esse *Vós* patriarchal, d'onde se deriva o *Vossa*, que se intrometteu com a *Mercê*, e que ainda agora se intromette com a *Senhoria*, com a *Excellencia*, com a *Alteza*, com a *Majestade*, com a *Eminencia*, e com a *Santidade*; quando n'isso, que é sensato, imitarmos, não só a nossos maiores, mas a toda essa França polidissima, á Inglaterra, e a tanta parte da Europa, teremos ganho muito para a Eloquencia, e para a Literatura, e tambem para a Liberdade, e muito mais para a Civilisação.

(Rev. Univ.)

CXII

Philocanía de um Inglez

(Março de 1843)

Se ao amor dos homens se chamou *philantropia*, não vemos por que se não chamará *philocania* ao amor dos cães. E' esta uma virtude de menor escala, mas entretanto virtude; o Alcorão a recommenda, e os Inglezes mesmos a praticam.

Sabbado 25 de Fevereiro, passava um Inglez com um cãozinho pela rua das Gávias, dobrava a esquina da travessa da Espéra, quando o doidinho do seu companheiro, n'um salto que deu desatinadamente, desapparece de súbito. Atónito o pobre homem, assobia chamando-o; ás suas vozes respondem latidos, mas latidos consternados e subterraneos. O infeliz havia cahido para dentro da sargêta da rua, e, vestal de nova especie e sexo, via-se condemnado a morrer nas entranhas d'aquelle fôsso, sem que nenhumas lagrimas inglezas lhe corressem por cima do lombo.

Em vão a generosidade britannica, en-

chendo de cobres as mãos ambas, estimulava as diligencias e exfórços de todos os gaiatos do bairro: por mais que estes mergulhassem pelo buraco os braços nus, por mais que misturassem, com os assobios, termos seductores, e attractivos para um dogue, o animal, em vez de os ajudar, se alongava cada vez mais pelo subterraneo, ou estranhando a Lingua, ou temendo os rapazes, ou allucinado pelo terror da sua infausta situação.

Um Inglez não cede ás difficuldades. O nosso manda chamar o Cabo de vigia e o Inspector das calçadas; faz descalçar a rua á sua custa; segue com a obra na direcção dos uivos; alcança, a cabo de cinco horas, o seu perdido thesoiro, posto que trocado de branco em preto, e perfumado com todas as essencias d'aquelle mundo subterraneo.

Os mutuos transportes do encontro, o que de parte a parte se grunhiram e se uivaram... não sabe a eloquencia humana repetil-o. Todos os circumstantes riam de enternecimento.

Mais feliz que Orpheu reconquistando Eurydice, e mais acautelado do que elle, embrulhou o objecto dos seus amores n'um lenço de seda, e foi, sem duvida, jantar como um homem completamente feliz.

*

Temos sido até hoje tão omissos em relatar glorias inglezas, que avidamente aproveitámos a occasião de celebrar esta, para servir de *drawback* áquellas afamadas historias das sevicias commettidas nas minas de Ingla-

terra contra mulheres e creanças [1]; á do navio hespanhol, a cuja tripulação e officialidade os Inglezes pregaram as mãos e pés sobre a tolda, e, desamparando-os com as vellas sôltas, os deixaram para ir morrer onde Deus quizesse [2]; ou á d'aquelles tristes, que, durando o cêrco do Porto, fugindo de uma excursão a Villa-Nova, cahindo no Doiro, agarrando-se ás amarras de um navio britannico, e pedindo a gritos a salvação, foram pacificamente arriados para o fundo e afogados.

Sim, devemos ser justos... até para com os Inglezes. Quando alguem disser, que os abolidores da escravaria estão fazendo em Serra Leoa o mais pérfido e abominavel

[1] Veja-se o folheto intitulado *Horrible treatment of cildren and females in mines* (Horrivel tratamento das creanças e mulheres nas minas); condição das creancinhas e mulheres empregadas nas minas de carvão e outras; extrahido do appendix ao 1.º relatorio da Commissão encarregada de examinar o emprego das crianças n'este objecto. Comprehende 2:000 paginas de folio. Segundo a expressão de um dos commissarios assistentes, «estes relatorios apresentam o quadro de uma mortal oppressão physica, «e escravidão systematica, cuja existencia não será «acreditada por quem a não conhecer.»

Novamente publicado, pelo preço de 2 schillings e 6 pences; com as gravuras, e franco de porte, mais 1 schilling. Vende-se em casa de W. Strange, *Pater-Noster Row*, 21, e em todos os livreiros do costume.

CASTILHO

[2] Vide o *Musée des familles*, de Janeiro de 1839.

CASTILHO

tráfico de escravos,[1] queremos que se lhe possa com verdade responder: Um Inglez em Lisboa, na esquina da travessa da Espéra para a rua das Gávias, aos 25 dias do mez de Fevereiro do anno da Graça de 1843 salvou da lama o seu cãozinho.

(*Rev. Univ.*)

[1] Veja-se *Le Constitutionnel*, de 22 de Janeiro d'este anno, no artigo *Nouvelle espèce de traîte des Noirs.*

CASTILHO.

CXIII

O Cometa

(Março de 1843)

Quarta feira 8 d'este Março se viu pela primeira vez em Lisboa o grande cometa, que todas as noites tem continuado a visitar-nos.

*

O sobre-salto que taes hóspedes causam sempre, tem sido geral em todas as Hespanhas. Mal se apaga o crepusculo da tarde, já as janellas e praças das cidades, os terreiros e lombas das aldeias, se povôam de espectadores, e refervem com mil diversas conjecturas.

Cada qual levanta ao monstruoso viajante os testemunhos que menos temerarios lhe parecem: um quer que presagie esterilidade; outro, revoluções e guerras; muitos, fundados na simples razão do nome de *cometa*, novas décimas e tributos. As cheias dos rios, os naufragios do Oceano, os raios contra os doirados da Senhora da Oliveira, em Guimarães, e contra a opera lyrica das Laranjeiras, tudo á uma se lhe lança ás costas. Amiudam-se os testamentos, e as confissões

geraes; e certos gastrónomos tratam de comer e beber á regalada, visto que pode o mundo estar por pouco.

Assim foi sempre, em todos os tempos e em toda a parte: na China, como em Roma; na França, como na Africa; na America do Sul, como em Portugal.

Escreveram-se muitos livros, fautores d'estas abusões; e tiveram elles mais effeito, que o especioso discurso, em que o Jesuita Vicente Guinigi sustentou, que, pelo contrario, eram os cometas correios de boas novas.

O insigne astrónomo Séjour, no seu *Tratado dos cometas que se podem aproximar da Terra*, provou com fortes argumentos (segundo é voz entre os da Sciencia) serem estes corpos celestes egualmente incapazes de beneficio e de maleficio para comnosco. Eram os Galbas, Othons, e Vitellios, d'aquelle Tacito da Astronomia. O terror, que em 1778 infundiu um na povoação de França, lhe ditou aquella obra, em que tamanho serviço fez a toda a gente.

Assentado pois como certo, que não ha que recear do nosso cometa, tratemol-o com familiaridade, e preparemo-nos para o medir quando a Lua, que por ora lhe toma a visita, o deixar sosinho resplandecer á sua vontade.

Os instrumentos dos astrónomos ahi estão assestados nos observatorios da Escola Polytechnica e dos Inglezinhos, aguçados os engenhos calculativos, aparadas as pennas, e o papel a ponto, á espera do sabbado ou domingo. Só então é que elle ha-de patentear toda a sua apparatosa majestade.

Hoje terça feira, á meia noite, pouco podemos ainda dizer d'elle; mas esse pouco eil-o aqui, tal como do colloquio de um habil mathematico, nosso collaborador, o snr. Marino Miguel Franzini, o acabamos de colligir.

*

Na quarta feira se estreou no nosso ceo, meia hora depois do pôr do sol. A sua cauda foi a unica parte que por então mostrou (se não é malfazejo, cortez ninguem de certo lhe chamará). Semelhava esta a um arco-iris, salvo que, em vez de ter côres engraçadas, era pallido; e remedava a via lactea. A' proporção que a luz da Lua foi crescendo, foi-se a d'elle entibiando.

Uma das maravilhas d'este cometa (um dos maiores que se teem observado) é o descompassado comprimento da sua cauda.

Suppondo que dista da terra 10 milhões de leguas, que provavelmente se não achará ser menos, será a extensão visivel da tal cauda de 5 a 6 milhões de leguas; isto é: sessenta vezes mais estirada que a distancia da Terra á Lua; e é paralella ao equador que se alonga esta monstruosidade de cauda, cuja largura excede um pouco ao diâmetro da Lua, ou meio grau.

A posição do núcleo, ou corpo, do cometa é no extremo da constellação da *Baleia*, e a cauda termina ao sudoeste da bella estrella rija da constellação do *Orion;* em má visinhança a tinha, a ser o Orion esgrimidor de espada, como sempre os poetas classicos o chamaram.

No fim do crepusculo de hontem, já o corpo do cometa se descobriu na elevação de 8 a 10 graus sobre o horizonte; e já não ha duvida em que o seu movimento se faz de occidente para oriente, na mesma direcção dos planetas; pelo quê, todos os dias se vai afastando do Sol, e fazendo-se muito mais visivel.

O diâmetro do núcleo parece um tanto maior que o diâmetro de *Jupiter*, sendo a sua luz baça, e a sua periferia mal determinada, como a dos planetas.

Sabbado ou domingo proximo, não se haverá mistér de grandes telescópios, nem ainda de olhos de lince, para o disfrutar.

*

Aqui nos despedimos de nossos leitores, até quinta feira 23. Se algum de nós não chegar lá, não será por certo culpa do cometa.

(*Rev. Univ*).

CXIV

Um jarreta do peralvilhismo

(Março de 1843)

A Escola Polytechnica de Lisboa está sendo, a todos os respeitos, digna da sua grande reputação.

O seu corpo cathedratico, todo juvenil, reune, com a actividade e energia dos annos verdes, a sciencia e prudencia da edade provecta. Cada um dos professores, ao mesmo tempo que forceja, e consegue, alar-se, de anno para anno, ao mais subido ponto a que nas outras nações é chegado o ramo de sciencia que elle professa, não se peja de ir frequentar, como ouvinte, as aulas dos seus collegas. São mutuamente mestres e discipulos uns dos outros; e a honesta emulação desenvolve-se; e o saber dilata-se; e o ensino aperfeiçôa-se; e o exército e a sociedade adquirem todos os annos novas luzes; e o que por ahi se pode realisar para a civilisação, realisa-se.

*

Na aula de Chimica da Escola Polytechnica occorreu, a 17 d'este mez, um suc-

cesso, que abona tanto o caracter moral, como a sciencia do joven professor.

Explicava este as proporções dos gazes na composição do ar, as relações perfeitas d'essa composição com a vida das plantas e animaes; era profundo, e eloquente. Todo o auditorio o seguia, com o mais religioso silencio, de explicação em explicação, de phenómeno em phenómeno, de harmonia em harmonia, de prodigio em prodigio. Estavam os entendimentos entrevendo DEUS a travéz da Natureza, quando a mesma voz que, por assim dizer, lh'o apontava, acrescentou:

—¿Quem deixaria de conhecer no universo a sabedoria do CREADOR?!

Rebenta do fundo da sala uma gargalhada. Todos os olhos se voltam com indignação para aquella parte, procurando o Voltaire de 1843, o Holbach resumido em riso, o Lucifer de casaca, o abarrotado de frutos da arvore da sciencia, o *liberalão*, que não dava a DEUS licença de existir. Viram-n-o, e tiveram nojo. Era.... não era nada; nada que se possa escrever em um papel decente; ha nomes literaria e scientificamente obscenos.

O professor, retomando de repente a voz, que tão imprevista audacia lhe cortára, declarou ao discolo, com tom energico e solemne, que, fóra d'aquellas portas, podia ter e alardear as opiniões que lhe parecesse sobre a respeitavel materia de que se tratava, e da qual (mas não ali) elle lhe daria, se as quizesse aprender, evidentes demonstrações; que ali, a sua obrigação era escutar com respeito, e sería expulso se o não fizesse.

Ainda então o não fez, que tomou gesto e modos de zombeteiro escárneo. A' voz do professor, foi de subito expulso da sala por um guarda.

A firmeza e galhardia, com que se houve n'este lance o snr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel — nos disse pessoa sizuda que se achava presente — não foi mais bella, do que a aprovação unânime que elle encontrou em todos seus ouvintes, todos mancebos, e grande parte d'elles militares.

E' porque o atheismo é um absurdo, que já hoje não cabe em cabeça digna de tal nome; é uma tolice fossil, um abôrto acéphalo da myope philosophia velha, conservado em *espirito de vinho* no museu intellectual.

O moço incrédulo, em nossos dias, é o peralvilho doido, vestido com a casaca de peneiros, ornado com o espadim e peruca de seu avô.

Por aqui ficamos; porém, se nos pedirem satisfações, passaremos a diante.

(Rev. Univ.)

CXV

O cometa

(Março de 1843)

Já podemos respirar. Passou a agoirada terça-feira, em que era voz publica ter de se acabar o mundo; prophecia que o povo autorisava, nada menos do que atribuindo-a ao illustre mathematico, Lente na Escola Polytechnica, o snr. Filippe Folque.

O cometa havia de brigar n'aquelle dia, aqui na cidade de Lisboa, com outro cometa, posto que o seu contendor ninguem ainda o tivesse visto; mas cometas intrépidos não faltam entre nós.

Segundo uns, a briga havia de ser toda no ar; e as lascas dos rabos, cahindo na Terra haviam de incendial-a. Segundo outros, tinha de começar no ar, e de acabar no chão; talvez na praça do *theatro agrião* (d'esta feita é que se lhe enxugavam os alicerces); talvez tambem no Terreiro do Paço, d'onde resultaria ficar o Tejo tão em sêcco, como o seu retrato do Passeio publico.

A' meia-noite affirmava-se que se via no ceo a figura de um homem, ajoelhado diante de um Crucifixo muito resplandecente; que, na terça feira pela manhan, apparecêra em

Alcantara um homem, de extranha catadura e corpo giganteu, com um grande enxadão ás costas, e o ferro d'elle tinto em sangue; que, interrogado pela Guarda Municipal, quem era, para onde ia, e d'onde vinha, respondêra que vinha do outro mundo, e tornava para lá; e desapparecêra.

Não acabariamos, se quizessemos recopilar todas as variantes, que se espalharam sobre as circumstancias d'esta catástrophe.

Felizmente, o dia aziago já lá vai. O adversario do Cometa não aceitou o cartel, e o de 5 ou 6 milhões de leguas de cauda continúa a passear lá por cima, tão comedido que não ha contra elle rasão de queixa. Bem ao revéz de se abrazar a Terra, nunca nós a tivemos mais fresca e bem regada...

O coberto e anuveado da atmosphera em todas estas noites, tem impedido o fazerem-se precisamente as astronomicas observações que annunciavamos, e de que daremos conta logo que as haja.

(*Rev. Univ*).

CXVI

Horror sobre horror

(Março de 1843)

No largo do Convento-novo, no desfrequentado recanto que se encova para o sul, andando no dia 18 d'este mez a folgar, pelas 2 horas da tarde, alguns muchachos do bairro, descobriram embrulhado em farrapos um recem-nascido, que, nos movimentos de bôcca, e extremidades, dava mostras de vida. A's vozes d'elles acudiu gente; chamou-se o Regedor da parochia. Quando porém chegou, já o innocente não respirava. Amortalharam-n-o nos seus proprios trapinhos, e mandaram-n-o por um homem a enterrar nas terras ao pé do cemiterio de Nossa Senhora dos Praseres.

*

Já não é a primeira vez, que as pobres crianças, finadas ás portas da vida, são barbaramente exclusas da communhão da terra dos fieis.

Lembra-nos que, haverá um anno, na rua do Patrocinio, largo do Jardim, freguezia de Santa Izabel, topando-se com outra seme-

lhante victima, ahi mesmo a enterraram, mettida em uma panela por esquife.

Na mesma freguezia, ha poucos annos, outra, encontrada pela manhan, já feita pedaços pelos cães esfaimados, ia ser por elles roida; e logrou por sepulcro a via publica.

Os Protestantes, e os Judeus, os cavallos e todos os generos de alimárias, teem n'esta cidade cemiterios. Os facinorosos supplicados, e os suicidas, vão repoisar no campo santo; e os desgraçados innocentes, filhos provavelmente de Catholicos, e que dos bens do mundo nem talvez um beijo da mãe experimentaram, que se fiquem para ahi, debaixo do piso de homens e brutos, tendo talvez por pedra de cabeceira o alicerce do cano ou da cloaca.

*

—¿Que remedio?—nos diz um doutor de ferrenha theologia—¡Faltou-lhes o Baptismo!....

¡O Baptismo! ¿Pois só o Baptismo dá ao ente humano direito para uma decente sepultura?

¿E quem te disse a ti, alma desalmada, qual seja a sorte da criança morta sem Baptismo? ¿Quem sabe se a que te espera pode ser comparavel com a d'ella?

S. Thomaz, S. Boaventura, o Papa Innocencio III, e outros Theólogos, dão, sim, por de fé que não é o Ceo para esses pobresinhos; mas não suppõem que o seu inferno deva ter mais penas que as do *damno*, isto é a privação da visão beatífica; esta pena,

segundo graves Theólogos, fundados em S. Gregorio Nazianzeno, S. Gregorio Niceno, Santo Ambrósio, e outros Padres, não ha de consistir em dores nem tormentos, podendo ainda o seu estado ser por ventura preferivel ao de não existir; sentença que, attenta a Misericordia infinita do Criador Universal, já ao Doutor maximo Santo Agostinho parecêra verisimil.

¿Como logo ousas tu, homemzinho ignorante de tudo, arrimado ás tuas phantasias, gritar dos hombraes do cemiterio «Não» áquelle com quem o Ente Incomprehensivel, em cujo nome pareces falar, usou de toda a sua possivel Misericordia, concedendo lhe talvez, fora da Bemaventurança, um logar que em descontentamento não exceda, ou ainda ceda, a este mundo?

¿Porque o Ceo se fechou, fechar-se-ha o cemiterio? E' o cemiterio, por ventura, a porta do Ceo, e o cipreste escada para o Paraiso?

Em quanto os Anjos choram sobre aquelles seus perdidos companheirinhos, tu, ¿tu queres o insolente direito de passar com os bois e os cães por cima dos seus despojos terrestres?

Mas ¿quem te disse a ti, cabeça desbaptisada pela vaidade, que esses sem ventura, repulsos de pae e mãe, e extranhos á sociedade, nas trevas que envolveram o seu nascimento não receberiam, de alguma caridosa e apressada mão, uma gôtta de agua, e as palavras regeneradoras?

¡E se assim foi!... Se assim foi, estás pisando aos pés as reliquias de um Santo; de

um Anjo estás fazendo, quanto em ti cabe, um novo Martyr, que, alçando entretanto as mãosinhas para o Pae Celeste, lhe clama:

—Perdoae-lhe, que não sabe elle o que está fazendo.

¡Miseravel zelo, o que, afrontando a Natureza, desacredita a Religião, e injuría a Divindade!...

(*Rev. Univ.*)

CXVII

Verdadeiros monumentos

(Março de 1843)

Muitas vezes temos tido, e muitas ainda teremos, occasião para louvar o Governador Civil de Angra, o Exmo Snr. José Silvestre Ribeiro.

A agricultura, os portos e estradas, o culto religioso e os costumes, teem ido, sob a sua paternal vigilancia, de anno para anno, prosperando. E' porque na pessoa do snr. Ribeiro se reunem em boa harmonia dois espiritos, tão raros de encontrar juntos, que geralmente os reputam por contrarios: o espirito calculador e positivo do homem politico, o espirito amante e embellezador do homem literato; e com estes dois espiritos uma vontade forte e decidida. E' (se o podemos dizer) composto com o coração de Gessner, a rasão de Say, e a energia de Pombal. Infelizmente, o theatro onde representa é de sobejo acanhado para que por suas obras se possa manifestar toda a verdade da nossa asserção. Mas não cabe no *pouco* menos intenção do que no *muito*.

O anniversario do desembarque do se-

nhor D. Pedro n'aquella Ilha, no dia 3 do corrente, foi nobremente solemnisado pelo snr. Ribeiro.

Ha um anno, que um pequeno terremoto deixára assolado no seu Districto o logar de Corpo Santo. Seis casas de familias pobres, de que se compunha a povoação, tinham cahido, e os moradores se haviam entre lagrimas despedido para sempre d'aquellas pedras confusas, ninho de sua infancia e de seus amores, testemunhas de todas suas penas e praseres.

Acudira-lhes logo o bom Governador Civil agasalhando-os e mantendo-os; muito era, porém muito lhes faltava ainda. Para vivo basta o pão; mas para feliz ha-se mistér do ar e terra da nascença. Se és visinho do mar, já te não contentas de o ver, se não fôr da mesma praia ou do mesmo posto d'onde o vias em menino.

Alcança dos donos de um terreno, contiguo ao do ermosinho arruinado, espaço mais seguro e bem assente, para n'elle edificar seis vivendas regulares, airosas, mui claras, mui lindas, mui hospedeiras; e tanta furia de amor mette na obra, que, passados poucos mezes, antes que este dia de saudosa recordação alvoreça, entrega a cada um dos despojados paes de familias a chave, posse, e senhorio, do que para elles bem merece o nome de palacio. E' excusado acrescentar, que nas festas de 3 de Março o enthusiasmo patriotico das seis familias felicitadas foi uma das mais donosas partes do regosijo.

¡ Quantos d'estes monumentos vivos á glo-

ria do Libertador se não poderiam diffundir, por todas nossas provincias d'aquem e d'alem-mar, com metade do custo de um monumento de 200 contos, condemnado a produzir em toda a eternidade.... nada!

(*Rev. Univ.*)

CXVIII

Benzeduras

(Abril de 1843)

Com a bruxa, ou benzedeira, de que falámos no artigo 1:489, foram prezos, no dia 15 do passado, além de seu marido, quantos endemoninhados, enfeitiçados, e mais enfermos de egual jaez, se achavam n'essa hora em sua casa.

Se ha ahi estatistico de superstições, deverá registar que a proporção dos homens para as mulheres, n'esta parte, é de 1 para 10 : os *freguezes* eram tres, as *freguezas* trinta.

A benzedeira (segundo lêmos no officio, com que o Administrador do bairro de Santo Ovidio, o snr. Silveira Pinto, a enviou para o Governador Civil) usava, nos seus mysterios, de um Crucifixo recheado com varias philactérias, e com um sacco de chamadas reliquias appenso ; diches estes, que, segundo a mulher affirma, lhe foram dados pelos Padres da Senhora do Amparo, a diante de Villa do Conde, com a licença para exercer o officio, que exercía pelo modico preço de 40 a 80 reis por cabeça.

A mulher (já o dissemos) foi entregue á

Policia correccional; e os trinta e tres patos, que por ella se deixavam depennar, postos na rua, com exhortação para não tornarem a cahir n'outra.

Entretanto, na villa da Praia, diz o *Angrense*, está trabalhando ha muitos annos pelo mesmo officio uma bruxa macha, por nome Padre Aguiar. Tambem expulsa demonios dos corpos baptisados, mas não é com palavras: é a cajado; exorcismo, que, por sólido, não póde deixar de ser efficaz. Não nos consta se os apaleados lhe pagam, ainda em cima, alguma coisa.

(*Rev. Univ.*)

CXIX

O passeio dos domingos

(Abril de 1843)

Tudo no domingo último incitava a espairecer. Brilhava um sol de plena primavera.

Attrahido por elle para fóra de suas monótonas, alinhadas, escuras, e doentias colmeias, o enxame dos moradores da cidade adejava e volteava por toda a parte onde a vegetação, essa amiga suave de quanto respira, alardeia as suas pompas: uns pelos campos e quintas dos arrabaldes, outros pelos passeios ajardinados de Lisboa.

O antigo Passeio publico, sobretudo, sorria como um bello quadro animado. A primorosa musica da Guarda Municipal, mandada para ali, pelo Exmo snr. D. Carlos Fronteira, completava o feitiço causado pela suavidade do ar, pelo sussurro e aroma das alamedas, pelo florido e contente dos innumeraveis ranchos.

Se o passeio é, como todos sabem, um dos primeiros preceitos da hygiene, o promover assim o gôsto d'elle deve ser agrade-

cido como um publico serviço á humanidade. Ressuscitado este bom costume, ha oito annos começado, e para logo decahido, de amenisar com musica os domingos do Passeio, ao menos em quanto duram as estações mais proprias para elle, o snr. D. Carlos merece este reconhecimento publico da nossa gratidão.

(Rev. Univ.)

CXX

Atum

(Abril de 1843)

Bem que seja o atum frequente em muitos mares, e nos da Sicilia, Sardenha, e sul da França, o pesquem em grande abundancia, não deixa de ser uma das riquezas do nosso Reino.

Emquanto as nossas provincias do norte alardeiam a sua vacca e vitella, e o Alemtejo as pingues carnes de seus cevados, o Algarve arranca de seus mares, em cardumes, este alentado peixe, que nas diversas partes do corpo compendia os sabores do cevado, da vacca, e da vitella.

E' uma delicia facil para os pobres e ricos do Reino, e para a provincia uma fonte, já diminuida do que foi, mas ainda abundante de riqueza, porque os cahiques e navios, que em suas costas mercadejam, não carregam só os frutos passados, as amendoas, o sal, e os uteis e curiosos artefactos da palma e da piteira, mas tambem, em consideravel cópia, estes peixes, festejados hóspedes de suas praias.

*

N'estes dias de abstinencia nos occorreu

que, sendo vinda a estação de tal pescaria, e não bastando receber da Natureza muito, se falta a arte de bem o aproveitar, bom serviço poderia ser que fizessemos, tanto para os que se n'isso empregam, como para o restante do Reino, ou sugerindo ou recordando o melhor modo de preparar o atum, para lhe acrescentar o crédito, extracção, e valia.

Não nos bastava o que já no artigo 1:294 ficou expendido; consultámos o negocio com homem lido, prático, e sizudo, e de sua aprasivel conversação expremēmos a substancia que apresentamos.

*

Cortado o atum em postas, ou tiras, que não excedam a 3 dedos de grossura, põem-se estas a ferver em agua bem temperada de sal, ou mais de salôbra. Tiram-se antes de cosidas, e só engroladas (ou entesadas, como dizem), e põem-se a enxugar sobre esteiras de canas, ou em qualquer outra cama que as deixe ventilar, havendo o cuidado de as ir virando para isso mesmo.

Como se dão por sêccas, vão-se arrumando ás camadas para dentro de barris bem estanques, apertadas, com tanto que se não macerem ou esmigalhem.

Attestado o barril, lança-se bom azeite de oliveira, que, segundo melhor fôr, melhor conservará o peixe. Tampa-se, e aposenta-se.

Para se começar a gastar, abre-se. Vão-se tirando as camadas de cima, e olhando por que não fique descoberto de azeite o remanescente.

O mesmo que se faz com o atum cosido, se faz com o atum assado.

Quanto á operação de o assar, convem advertir que não seja em grelha, mas sim a fogo lento de forno, para que se repasse do calor por egual. O forno quente, como fica depois da cosedura do pão, é o mais acommodado para o intento.

As vasilhas em que o atum deve ir ao forno, importa que não sejam de cobre ou arame, porém de barro ou ferro, que em nenhum caso damnarão a saude. Deve o fundo das vasilhas, ou frigideiras, ir coberto com umas travessas, ou gráde, que por baixo do peixe conserve um vão, onde se ajunte o azeite, ou agua, que d'elle se estilla, e o não empape pela parte inferior.

O atum do primeiro modo já não carece, para ser comido, senão de uma fervura, dando-se-lhe depois o tempêro de azeite e vinagre, ou guisando-o, ou fazendo-o em salada, ou, para mezas finas, reduzindo o a torta, temperado com manteiga de vacca, salsa, cebola, e miolo de pão, tudo bem picado. O atum do segundo modo, ou assado, aquece-se no forno, ou faz-se de escabeche.

Objectarão com a despeza do azeite que para taes conservas se requer; assim é; mas por esta arte fica-se com uma iguaria excellente, e que dura para muito anno.

Um defeito se nota em geral no atum, e até no que vem para presentes, que é o sentir-se-lhe uma certa areia; provem isso do pouco asseio, e muita negligencia, com que o preparam e cortam, que é quasi sempre no chão nu. Para evitar esta pecha, deve

lavar-se o atum ainda inteiro, e pendurar-se pelo rabo, e ir cortando as tiras com limpeza, e deital-as a enxugar sobre as esteiras que já dissemos.

(Rev. Univ.)

CXXI

A questão do theatro novo

(Abril de 1843)

A invejas e malevolencia atribue um jornal de Lisboa o que se tem escrito contra as obras do theatro novo.

Por nossa parte, nem somos invejosos, nem o podéramos ser de architectos; nem queremos mal algum ao autor d'este edificio; não o conhecemos; nunca tivemos com elle a mínima relação; e de mais nos consta ser pessoa aliás estimavel (como já n'esta mesma folha declarámos).

Esse jornal, annunciando agora a publicação do risco do theatro novo, obra do snr. Lodi, lithographado pelo snr. Guglielmi, e publicado pelo snr. Perini, diz:

«Vão-se finalmente dissipando as prevenções, e infundadas duvidas, dos que pareciam recear que o theatro de D. Maria II, ou não chegasse a passar de projecto, ou não sahisse obra para ver-se. O facto tem acabado com as hypótheses: o *agrião* vai lançando viçosa folhagem; teremos theatro nacional, e digno da magnifica praça onde é construido, e digno de Lisboa. Apesar de todas as invejas, o snr. Fortunato Lodi verá erguido um

monumento, que por si responda aos seus detractores.»

*

Pedimos licença ao jornalista para lhe notar, que os pontos cardeaes da guerra feita ao theatro novo não foram (ao menos por nossa parte) esses. Não receávamos que ficasse em mero *projecto*, nem que deixasse de sahir *muito para ver;* posto que, quanto ao primeiro d'estes dois pontos, não sejam ainda resposta bastante tres folhas de papel e alguns palmos de parede; e o segundo, só mais tarde, e depois de tudo findo, se possa sentenciar com segurança.

O que n'esta questão escandalisava, e escandalisa a todo o Portuguez de veras, e a todo o homem de juizo, é:

1.º—o inaudito menoscabo que se fez dos nossos architectos, antepondo-lhes (sem concurso) um estrangeiro;

2.º—a falta de segurança, com que se demonstrou se estava edificando.

Nem ao 1.º nem ao 2.º se deu ainda resposta alguma.

*

Tres folhetos publicou o Ex.mo Snr. Visconde de Villarinho de S. Romão, assignados com o seu nome por extenso, graves e decentes nas formas, como tudo que S. E. escreve ou fala, e cheios de argumentos e demonstrações, que os entendidos diziam *irrefutaveis*, e que se deixavam ao mesmo tempo abranger dos espiritos mais acanhados e incultos.

Do allegado e provado n'esses tres folhetos resultava, que a projectada obra reunia a muitos outros defeitos gravissimos o gravissimo de todos, o eternamente irremissivel: a falta de segurança.

Esperavamos (e não eramos nós os unicos), confiadamente esperavamos, que, se as rasões de S. E. eram boas, se mandasse sobrestar na obra, desfazel-a, e recomeçal-a emendada; se más, se lhe respondesse, se não por S. E., ao menos pelo Público, de quem, por quem, e para quem, era a obra.

Sabemos que algumas pessoas teem por systema não acudir ao reclamo de objecções. Tal systema, aliás intelligivel, e talvez em alguns casos racional, tornava-se intoleravel na hypóthese; pois que nem os mestres edificadores, nem a Junta que a seus trabalhos presidia, eram mais que simplices administradores de certos bens do Povo, destinados para certo fim, com certas condições subentendidas e indispensaveis, uma das quaes era a solidez.

Dizer-se: «A obra responderá por si», é um anachronismo em dialectica, e é querer que se admitta gratuitamente a inerrancia, em quem nenhuma prova jamais déra de merecedor a tão alto privilegio.

*

«¡A obra responderá por si!»

Muito bem; ¡mas se a obra, apenas concluida, mostrar que foi mal concebida, mal dirigida, mal executada!?

«¡A obra responderá por si!»

¡Mas se, terminada ella, ou passados alguns annos, ou muitos (que, para uma obra que deve ser para sempre, tanto vale *um* como *cincoenta*), a fraqueza e vicio dos alícerces a fizer desconjuntar, gemer, e vir a baixo com o primeiro temporal, ou com o primeiro abalo de terra, que tão frequentes são n'esta paragem!?

¿Como é que a obra respondeu por si? ¿e como é que então hão-de responder por ella os que affectaram um sublime desprezo contra argumentadores, e não deram outra solução aos agoiros raciocinados, senão um sorriso do alto dos andaimos, e a perseverança, ou antes a pertinacia, e a obstinação?

—Não temas — dizia Cesar ao barqueiro do Rubicon; — levas Cesar comtigo. *Cæsarem vehis.*

Foi uma caturrice do grande Homem; e além de uma caturrice um crime, porque a barca e a vida do pobre pescador não pertenciam a Cesar.

Mas ainda, n'aquelle caso, o salvar-se, ou perder-se, podia depender só da fortuna.

Aqui não, porque a fortuna não tem milagres contra a Physica. Um pezo superior ás fôrças da sua base, não ha fortuna que o defenda de se despenhar.

*

Repetimos o que muitas vezes temos dito:

Ou o architecto errou; ou errou, nas censuras que lhe fez, o snr. Visconde. Não ha meio termo possivel.

Se errou o architecto, clamamos contra

quem permitte e consente erros em materias taes. Se errou o snr. Visconde, próvem-n-o.

Em quanto as razões d'este permanecerem, em pé no meio da praça, onde estão ha tantos mezes, como athleta robusto a esperar em vão por seu adversario, ¿que havemos de dizer nós, e que ha-de dizer o Publico?

*

O mesmo jornalista supracitado acrescenta ainda estas palavras:

«Não temos entrado de proposito na polemica, excitada a respeito da construcção do novo edificio, escolha do local, preferencia da planta, etc. etc. Agora porém deviamos quebrar silencio, que a alguem se afiguraria extranho; e desde já nos obrigamos a occupar-nos d'este assumpto opportunamente, com o vagar e attenção devida.»

Mais conveniente houvera sido, que essas razões, com que o illustre Redactor pode acudir ao *theatro agrião*, tivessem apparecido a tempo, e se não deixassem enraizar as injustas prevenções contra tal obra. Mas enfim, mais vale tarde do que nunca. Registamos a sua promessa: DESDE JÁ SE OBRIGA A OCCUPAR SE D'ESTE ASSUMPTO OPPORTUNAMENTE COM O VAGAR E ATTENÇÃO DEVIDA.

*

Não somos nós obstinados. Demonstre-nos que a edificação vai segura; desfaça

um a um os argumentos em contrario; e não só não tornaremos a repetir os nossos queixumes se não que faremos publica e solemne retractação, como temos por uso logo que nos convencem da verdade.

D'aqui até lá, permitta-nos o Redactor que prosigâmos, a zelar o crédito, os bens, e tambem as vidas, dos Portuguezes.

(*Rev. Univ.*)

CXXII

Gaz lucífero

(Abril de 1843)

De todas as provincias nos veem perguntas do tão preconisado *gaz lucifero* (Vêde os nossos artigos 259, 287, 288, 351, 463, 611, 747).

Nec semper feriet quodcumque minabitur arcus.
Nem sempre vai certeiro o tiro ao alvo

dizia o velho Horacio. O *gaz lucifero* não respondeu ás esperanças, que as suas primeiras mostras, e os calculos, haviam dado. Como os Francezes, como os Allemães, como meio mundo, tambem nós outros nos enganámos.

A Companhia, que se formára em Lisboa para fabricar o liquido, quebrou, perdendo as acções uns 80 por cento do seu valor, porque a economia, que se esperava com este genero de illuminação, não se realisou. Pelo contrário: a cera e o azeite davam mais luz no mesmo tempo, ou luz egual, por tempo mais dilatado, com o mesmo custo. O fumo que a principio se cuidava não haver, a continuação o veio a final a descobrir.

O motivo principal (segundo nos asseveram) da quebra da Companhia foi o estar a sua fábrica além do Tejo, e áquem do Tejo o seu consumo, e carregar a Alfandega este producto com direitos excessivos. Felizmente, pouco se perdeu no perder-se esta industria; mas, utilissima que ella fosse, com um rombo tal egualmente se houvera ido ao fundo.

Os curiosos de averiguar, por si mesmos, se lhes convem o uso do *gaz lucifero*, facilmente podem compôr o liquido. A sua receita já não é segredo; todos os jornaes da Europa a publicaram.

Consiste em misturar 7 partes de espirito de vinho, do mais rectificado, com uma parte de agua raz da mais pura. A agua raz é extrato dos pinheiros; não é cara; o espirito de vinho sobeja, por desgraça nossa, a muitos dos lavradores das nossas provincias; a esses, que o teem de casa, poderá, talvez esta luz sahir em conta.

Quanto aos candieiros proprios para ella, n'esta cidade se encontram á venda vindos de França; e no 1.º quarteirão do lado direito da rua da Prata, sahindo da Praça da Figueira, ha um latoeiro, que arranja para este uso qualquer lampada de sala, que anteriormente haja servido para azeite. Se alguem se tentar com a experiencia, recommendamos-lhe todo o cuidado no manusear o liquido, evitando-lhe a proximidade do fogo.

Se o *gaz lucifero* ou *gaz hydrogenio liquido portátil*, como extravagantemente lhe chamavam em París, não deu o promettido resultado, esperemos um pouco mais. O trá-

fego scientifico e inventivo de toda essa Europa, algum dia (quando menos se esperar) descobrirá em alguma substancia abundante na Natureza um meio de nos allumiarmos preferivel a todos os outros até hoje conhecidos. O *gaz*, que nas cidades converte as noites em dia, nem sonhado foi por nossos paes, e hoje é vulgar; e a sciencia o sabe extrahir, não de um, se não de muitos generos de corpos.

No *Journal des connaissances utiles*, de Outubro passado, encontrámos nós um novo modo de illuminação com o gaz extrahido das aguas de sabão, que depois de terem servido nas fábricas de lanificios, se lançavam fora por inuteis.

Esperemos pois. Muitos *fiat lux* nos tem ainda reservados este grande seculo.

(*Rev. Univ.*)

CXXIII

A luz pintora

(Abril de 1843)

Pareceu o daguerreotypo o *non plus ultra* das conquistas das artes á Natureza, e da Natureza ás artes, porque, por esse descobrimento e invento, n'um relance podia qualquer obter as imagens dos objectos; o que, se dilatava a esphera da instrução e dos praseres, ameaçava ao mesmo tempo a innumeraveis familias, que só pelas artes do desenho subsistiam.

Este inconveniente, commum a todas as grandes novidades, cessou dentro em pouco de infundir terrores, porque o daguerreotypo, fazendo aliás muito, não correspondia ao que d'elle se esperava. As suas copias de objectos naturaes reuniam á mais escrupulosa exactidão duas falsidades, ambas flagrantes: representando os claros em escuros e os escuros em claros, e apresentando no quadro, por mais festivo que fosse o seu assumpto, um tom sombrio e melancolico.

O mais difficil, o que podia parecer impossivel, estava entretanto conseguido; isso bastava para que os engenhos allumiados pela Sciencia continuassem a tender perse-

verantemente para o mais, para o melhor, e para o optimo. O daguerreotypo era, por que assim o digâmos, a sombra dos vultos fixada na parede com carvão; era necessario que a visão radiante, córada, e viva, do espelho se chegasse tambem a perpetuar.

Ha largo tempo que se trabalhava para o conseguir; e já duas ou tres vezes soára voz que em Italia e Allemanha fôra o grande problema resolvido.

Para lá se voltaram todas as attenções; mas ao pregão seguiu o mais profundo silencio.

Entretanto, a escultura e a gravura auxiliadas da physica e da chimica, davam passos de gigante na estrada fragosa e incommensuravel da perfectibilidade. As medalhas e as estatuas reproduziam-se por modos quasi magicos. A vez da pintura chegou tambem.

Eis aqui o que hoje achamos em jornaes parisienses.

«Não ha duvida que se descobriu emfim o methodo de reproduzir as côres naturaes pelo daguerreotypo. Affirma-se que os resultados d'este novo descobrimento são formosos sem senão, e duram sem estrago nem velhice. Já aqui em París está formada uma Companhia, para negociar com os frutos d'este fecundo ramo das Bellas-Artes»

(*Rev. Univ.*)

CXXIV

Vinho de laranjas

(Abril de 1843)

No *Heraldo*, de Madrid, lemos que se fundou, e trabalha em ponto grande, na villa de Carcagente, provincia de Valencia, uma fábrica de vinho de laranjas, vinho exquisito, e comparavel na qualidade, gôsto, e excellencia, ao da Madeira.

Depois de varias experiencias, assentaram no methodo, que seguem, de expremer as laranjas como se expremem as uvas, deixando fermentar o sumo naturalmente. A Sociedade Economica de Valencia reconheceu por optimo o resultado de tal fabríco. E' vinho muito espirituoso; mas, querendo-se menos alcoólico, obtem se deitando-lhe menos assucar.

Não é invento novo. D'este, e de muitos outros frutos, e até de flores cosidas com assucar, teem já os curiosos, em muitas partes e em diversos tempos, feito vinhos, mais ou menos fortes, mais ou menos agradaveis. De marmelos, de romans, de pêcegos, nos lembra havel-os provado delicadissimos, fabricados em Coimbra pela propria mão do nosso distinto medico e naturalista o snr.

Jeronymo Joaquim de Figueiredo. De laranjas, nos affirma o nosso amigo o snr. D.^{or} Lourenço José Moniz tel-os bebido primorosos nos Estados Unidos.

E' todavia axioma entre os gastrónomos, que nenhum de taes licores fermentados se pode comparar de veras com o vinho classico de Anacreonte, de Horacio, e de Lafare, se bem que (segundo ouvimos a um, que na materia nos parecia discorrer profundamente) muito se poderá talvez conseguir para as delicias da meza, tentando casar no fabríco ou tempêro dos vínhos os sumos de diversas frutas, que melhor entre si harmonisarem.

Vinho estréme de laranjas, não cuidamos que possa exceder aos que tão excellentes e tão acreditados nos produz a nossa terra; e, nem que se lhes egualasse, valeria a pena de empregar n'isso um fruto, que tão boa sahida tem, e ha de forçosamente continuar a ter, para a Inglaterra.

Com a superfluidade a que chegaram as nossas vindimas em relação ao consumo, em vez de converter laranjas em vinho, antes nos ensinassem a arte de converter o vinho em mais laranjas, em mais azeitonas, em mais pão, em mais lan, ou em mais de qualquer dos produtos agricolas, que dentro ou fora do Reino teem consumo indubitavel.

(Rev. Univ.)

CXXV

O incendio do Collegio dos Nobres

(Abril de 1843)

I

Ha dois seculos se fundava em um alto, achegado pela parte do poente á velha Lisboa, chamado então o Monte Olivete, um espaçoso edificio para a omnipotente Companhia de Jesus. S. Roque era a casa professa; Monte Olivete a escola noviciál.

A primeira pedra dos fundamentos foi solemnemente lançada no cavouco, coroada de flores, coberta de grandes bençãos, acompanhada de musicas triumphaes de charamellas, e de hymnos religiosos.

A' força de annos e doações copiosas, cresceu, e perfez-se, no meio d'aquelle então ermo, rodeado ao perto e ao longe de alegres vistas de mar e terra, um Seminario, manancial, segundo as chronicas resam, de sabios, de santos, e de martyres.

Mas os hymnos triumphaes dissipou-os o tempo; as bençãos de estabilidade jaziam sepultadas.

A Ordem omnipotente, fulminada do alto do Vaticano em 1772, cahiu como um gi-

gante, para nunca mais se levantar, e morreu sobre a sua cama de loiros religiosos e literarios, mas sob o pezo de odios universaes, que por espaço de duzentos e dezoito annos havia, a despeito de todos os seus beneficios, suscitado.

Morta ella, todas as riquezas cumuladas no seu regaço, e apertadas entre as suas mãos, entornaram-se, e reverteram de novo para o mundo, a quem pertenciam.

O Collegio de Monte Olivete viu-se trocado em Collegio profano de educação de Nobres.

*

O que em pompa no titulo lhe acresceu, diminuiu-se-lhe na importancia.

Crear Nobres teria sido um grande destino; mas o seu não foi mais do que afidalgar fidalguias. De mestre nas sciencias espirituaes, na moral, na historia, nas humanidades, nas linguas orientaes, e nas dos selvagens, desceu a pedagógo de senhoritos, a preceptor de dança e de espada-preta. As escolas guarnecidas dos roupetas de Santo Ignacio não custavam mais, e eram menos vans e semsabores.

Se, para derrubar o Colosso fôra necessario o raio do Vaticano, para fazer cahir o manequim aristocrático bastou um sôpro da philosophia.

A Liberdade chegou a enthronisar-se; o Collegio *dos Nobres* transformou-se em Collegio *da Nação*; a rhetorica, em astronomia; a espada-preta, em sciencia militar; o estudo dos passos de dança e das cortesias gra-

ciosas, no das sciencias, que, revelando a Natureza ao homem, lh'a sujeitam, e dilatam com a esphera do entender e do poder a esphera moral do acreditar, a unica d'onde vem luz, que pelas sendas embaraçadas da vida nos encaminha.

N'este novo instituto, é que as auspiciosas bençãos da engrinaldada pedra fundamental pareciam dever realisar-se.

Muitos varões grandes contára a primeira época, mas para os criar abrangêra largos annos.

A segunda, ainda por entre o nobre vulgo pigmeu fizera sobresahir duas ou tres cabeças distintas; tambem para isso lhe sobraram os annos.

Mas a novissima, que apenas contava seis de duração, tinha já nomes illustres, dava já frutos abundantes, e carregava de flores immensamente esperançosas.

N'essas duas multiplices Escolas, a Polytechnica e a do Exercito, se haviam congregado para o magisterio sujeitos de tão assentada fama, que o seu nome é já, para cada um d'elles, o seu elogio.

Todos os dias se augmentava, d'aquellas portas a dentro, o enxame de discipulos e ouvintes; todos os dias achavam elles acrescentado, nos seus tambem jovens e estudiosos mestres, o thesoiro em que se iam enriquecer; e todos os dias ia a mais, no conceito publico de todo o Reino, a conta em que era tido aquelle genero de Universidade, e as esperanças do seu futuro, já abonadas dos bons successos.

Senão quando... aos 22 do corrente Abril,

um incendio, começado não se sabe como, se levanta dos forros no angulo direito ao fundo do edificio, parte pertencente á Escola Polytechnica.

II

Antes que as torres dêem rebate, já os compositores, impressores, e mais empregados da visinha Imprensa Nacional, em numero de mais de cem, acudiram.

Ao toque dos sinos, rapidamente communicado de campanario em campanario até os extremos da Cidade, á vista da assombrosa columna de fumo, que d'ali se levanta aos céos, e á voz, de bôcca em bôcca repetida, de que anda o fogo a braços com um dos mais preciosos estabelecimentos d'esta pobre terra, confluem de toda a parte, além das bombas, artífices, e tropa, obrigados pelo seu dever, um grande numero de voluntarios, cidadãos decentes e de representação, membros do Corpo Legislativo e do Governo, magistrados, militares, lentes e estudantes, assim das Escolas ameaçadas das chammas, como de outras ; finalmente a tripulação de quantos navios nacionaes e estrangeiros, surtos n'esse Tejo, haviam de lá contemplado no alto da Cidade aquelles rôlos de fumo negro, que, torcidos, espedaçados, e abertos em grandes florestas de nuvens, denunciavam que, ajudado do vento impetuoso do nordeste, o fogo, não só poderia em breve engulir o edificio que o borbotava, mas algum largo trato da povoação contígua e subjacente.

De poucos inertes e timidos ficou memoria em tamanha multidão de homens ; e essa

que ficou, não queremos nós concorrer para que se perpetúe.

Vendo com que indómita violencia o elemento infernal ia recrescendo para o oeste e para o sul, todos os empenhos instintivamente convergiram, para arrancar de baixo d'aquelles tectos, parte ameaçados, parte invadidos já das labaredas, quantos objectos preciosos ahi jaziam enthesoirados, e cujo valor, diz-se, excedia muito a cem contos de reis.

Bibliotheca, estampas, quasi todos os manuscritos [1], instrumentos de Mathematica e de Physica, utensís de Chimica, Museu zoologico e mineralógico, quadros, esculturas, alfaias, e mil outras preciosidades artisticas, algumas de prata e de oiro, e por derradeiro a propria mobilia, tudo foi disputado, arrancado ao inimigo invencivel, não sem aspérrimo trabalho, não sem perigos multiplicados e horrorosos, não sem lesão e sangue de muitos dos generosos combatentes.

[1] Diz um jornal d'esta Cidade, que parte do precioso compendio manuscrito de Mechanica, feito pelo respectivo Lente, o snr. Dr. Albino Francisco de Figueiredo, perecêra. Se assim é, temos essa perda mais que deplorar, porque a obra do snr. Figueiredo (segundo attestam todos os seus collegas no magisterio, e todos os entendidos na materia) é de um merito relevante, fruto de assiduo estudo e grande genio.

Ouvimos que as observações astronomicas do Observatorio de Marinha, que ali se achavam archivadas, foram tambem reduzidas a cinzas.

Grande lástima, que para manuscritos preciosos se não edifiquem depositos, como a Sciencia já hoje os ensina a fazer incombustiveis, ou quasi incombustiveis. CASTILHO.

Quizéramos distribuir galardão de louvor aos que mais se assignalaram; mas não o faremos, por não incorrermos involuntariamente na culpa de *parciaes* em materia tão melindrosa. Antes calar, com silencio por ventura ingrato, os nomes dos que já pela sua consciencia estão remunerados, do que arriscarmo-nos (como outros periodicos) a preterir quem mais fez, para ir tecer desmerecidas corôas a frontes, que hão-de corar quando lh'as cinjam. Se a lisonja é sempre uma vileza, a preferencia do demérito, ou do mérito pequeno ao grande, é um crime odioso e repugnante, é um maleficio contra a sociedade. Quem fizer menos alta ideia, do que nós, do sacerdocio da Imprensa, que o perpetre.

III

...Mas, em quanto assim se desbaratava para se salvar, e se salvava quasi inteiro, o thesoiro das sciencias, o edificio, ou porque os da arte não soubessem, ou porque não podessem, acudir-lhe, ia a lanço e lanço desabando e abysmando se.

Ao cabo de cinco horas, a fundação antiga dos Jesuitas, o Collegio dos Nobres, a Escola Polytechnica, e do Exercito, tinham completamente cessado de existir.

O templo, rico de suas esculturas em marmore, de suas pinturas a fresco, de suas sepulturas e memorias antigas, foi o ultimo que veio ruidosamente a terra.

O Sacramento, e a Imagem da Mãe de Deus, ainda a tempo haviam sido levados para seguro.

Eram 8 horas da noite, já não havia que salvar, nem a que se acudisse. As bombas limitavam-se em refrescar as moradas visinhas; a tropa, em guardar o espolio amontoado pelas ruas. Os cidadãos, que tão bem haviam merecido da Patria, contemplavam tristemente, por entre os redemoinhos de cinzas, fumo, e faiscas, revolvidos pelo vento, a longa frontaria d'aquelles paços, pouco ha tão ufanos com o seu triplice diadema, religioso, aristocratico, e scientifico, medonhamente illuminada por todas as suas janellas e portões de par em par abertos Um sussurro soturno ia lá por dentro, por aquelles salões e corredores deshabitados, por onde uma turba vacillante e erradía de caprichosas labaredas, toucadas de fumo e de scentelhas, pareciam andar tripudiando no phantástico festim do demonio da destruição.

O relogio, que tantas horas para a criação de grandes homens tinha já contado, e esperava contar ainda, devia deixar correr estas sem as denunciar. O relogio já não bateu as 4 horas: era morto, como tudo mais; morto, como os bellos dias que elle se comprouvera de ir repartindo entre o trabalho e a recriação.

¿Mas como pereceu em cinco horas o edificio venerando de duzentos annos? ¿Como foi impossivel o livrar-se alguma parte d'elle?

Eis ahi o que todos perguntam, e o a que não sabemos responder.

Desde a sua origem, até o seu complemento pareceu esta uma catástrophe providencialmente mysteriosa.

IV

Deixemos porém o que lá vai. Venhâmos nós ao presente, e lancemos os olhos ao futuro.

Tres obrigações, todas grandes, todas imperiosas, todas indispensaveis, estão pezando sobre o Governo.

1.ª—premiar os que n'este conflito mereceram premio;

2.ª—atar instantaneamente o fio quebrado de tantos estudos;

3.ª—restaurar (e melhorado) um brasão que a desgraça nos destruiu.

Quanto á primeira, temos fé viva em que Sua Majestade condecorará os briosos maritimos francezes e inglezes, que n'este dia rivalisaram em esfôrço, correram sem hesitar por entre perigos, e mil vezes afrontaram a morte, por nos salvar o que só era nosso, e de que nenhum interesse lhes provinha. Sobre o peito de um Official portuguez reluz ainda a medalha, que el-Rei de França lhe offertou, porque no incendio do arsenal de Brest prestára á França bons serviços. Não ha que agradecer áquelle Monarcha; preencheu o seu dever. A Rainha de Portugal não ha-de ficar, em brio, àquem de Principe algum da Christandade. Aos Portuguezes não tem que remunerar. Eram Portuguezes.

Quanto á segunda, já se deram as providencias, para que, trasladados para diversos sitios acommodados os instrumentos, exemplares, e utensís dos varios estudos, as

interrompidas aulas ahi retomem o seu curso incessantemente.

Quanto á terceira, onde parece que toda a Nação portugueza se devia achar unânime, como se acha a respeito das primeiras duas, já começa a apparecer discrepancia ; pouca em numero, sim, e nas razões pouquissima, ou antes nulla.

V

Assentada como coisa axiomatica a necessidade de enfeixar de novo estes estudos, ora dispersos, pois que, nas sciencias principalmente, a união é a fôrça [1], ninguem porá duvida em que nenhuma das casas que para o intento se poderiam deputar, eguala em condições favoraveis á que era onde hoje são tisnados montes de ruinas.

E' logo esta a que importa reedificar ; e reedifical-a por uma traça nova, acommodada a todas as necessidades da sua multiplice destinação ; e mais ampla ainda, se fôr possivel, para que mais estudos, hoje remotos e solitarios,possam ir fraternalmente sentar-se ao mesmo banquete commum e grandioso.

¿ Mas os montes de oiro indispensaveis ?

Os montes de oiro, que vos faltariam para fazer esta obra só boa, tendel-os que cheguem, e que sóbrem, se em vez de *boa* a quizerdes fazer *optima* : dae a esse futuro templo da Sciencia uma invocação, um ora-

[1] Uma das provas de quanto se lucrava em ter sob o mesmo tecto as varias cadeiras da Escola Polytechnica, podeis achal-a no nosso artigo 1:481, *Um jarreta do peralvilhismo.* CASTILHO.

go, dignos d'elles: chamae-lhe Collegio de Dom Pedro, ou Estudos de Dom Pedro, ou o Monumento de Dom Pedro.

Vazae para ahi o que já, indecorosamente, para uma vaidade de pedra e bronze se havia extorquido. Esquecei essa ideia, se o era; expiae esse peccado, que o foi. Não continueis a mendigar para o Libertador ás portas dos libertados; e o oiro dos que teem oiro, e a prata dos que teem prata, e o cobre dos que só teem cobre, e as bençãos dos que nada teem, virão espontaneamente ajudar e concluir a obra, digna do Principe, da Nação, e do Seculo; e os estrangeiros a visitarão com respeito; e os inimigos com inveja; e a posteridade com gratidão.

Mandae para os intermundios dos sonhadores esses pezos inuteis da terra, esses classicismos ridiculos de Romanos, essas columnas de 200 contos [1], amassadas de pão e lagrimas, esses gigantes de duzentos pés de altura, cegos, surdos, mudos, frios, estéreis, e vestidos por escárneo de laureis de bronze. Sacudi os, e afugentae-os, como pezadellos da embriaguez, e ponde em seu logar um Monumento que vê, que ouve, que fala, que sente, que produz, cujos loiros são vivos, crescentes, frutiferos, e de cujos seios

[1] A columna franceza de Vendôme, que (para o dizermos de passagem) não foi feita por estrangeiros, mas por Francezes, a saber: architectos, Lepére e Gondouin, escultor Denon, e desenhador Bergeret, a columna Vendôme, sem contar o valor do bronze das 1:200 peças de artilharia que para ella se derreteram, importou em 300 contos de réis. —Castilho.

brotam mananciaes inexhauriveis de luz, de civilisação, de prosperidade.

VI

—«Muitos recusarão para esta obra, o que dariam para aquell'outra»—grita na Imprensa um dos amoucos da columna.

Engana-se.

¿Que infeliz, a não ser dos que a Policia, e a misericordia pública, teem encerrados em S. José, aconselharia ao póbre, que fosse cortar a arvore que o alimentava, para do madeiro fabricar um idolo?

Descancem todos os amoucos da columna, que, se elles não quizerem concorrer para a obra intelligivel e aproveitavel, aqui está a Nação toda, que pagará por si e mais por elles. Aqui estamos, até nós, os pobres, que, para agradecer condignamente aos manes do Principe philosopho, illustrado, humanissimo, e bemfeitor em tudo de sua terra, venderemos (se preciso fôr) uma parte do nosso vestido, metade dos nossos livros, tudo, excepto a consciencia de escritor sincero e portuguez.

—«Mas—dizem elles ainda—reedificada a famosa Escola, ¿onde se ha-de collocar n'ella a estatua de Dom Pedro? ¿Na frontaria? não, que parece um Santo. (¡Grande mal! um Santo, a baixo de certas imagens esculpidas por cima de algumas portas em Pompeia, é sem dúvida a coisa mais obscena que ha no mundo). ¿N'um pateo interior? menos, que dará ares de figura de chafariz.»

Nem n'um pateo, nem na frontaria, nem em parte alguma, se carece de tal estátua,

se por ventura não ha modo como no edificio se colloque. Se a columna sem estátua não podia ser monumento, uma simples inscripção, um só nome, basta para que em monumento se convêrta, summo e indestructivel, uma obra, por sua nobreza, por seu préstimo, por sua fama, tão conforme ás qualidades do Heroe, por nós e por todo o Mundo sabidas e confessadas.

—«Um incendio poderá destruir segunda vez o edificio»—dizem por ultimo os amarrados á columna.

¿E a vossa columna? ¿Será ella privilegiada da sorte commum a tantas outras?

¿Fizestes algum contrato com os gnomos, para que a terra um dia vol-a não sacuda de si?

¿Segurastes o seu bronze e marmore contra os raios?

¿Lêstes já no livro dos destinos as revoluções futuras?

¿Onde está o obelisco de Luqsor? em París.

¿Onde estão os monumentos de Nino e Máusolo? em nenhuma parte.

¿Que é do grande Trajano de bronze, que torreava sobre a grande columna, de que a vossa é apenas um arremêdo? desappareceu com a urna de suas cinzas que sustentava na mão; e cedeu o logar a S. Pedro, que poderá cedel-o ainda a algum outro.

¡Aspirar á eternidade em obras terrestres! Já vos não faltava senão essa, para serdes completamente originaes na vossa monomania columnática.

O Collegio pode, como a columna, destruir-

se; mas o que não pode a columna é fazer á Patria, em mil annos, o proveito, que do Collegio lhe ha-de em cada anno resultar.

VII

Felizmente, esta verdade, em que ha tanto tempo martellâmos [1], tornou-se popular. A preferencia do *util* ao *inutil* está em todos os entendimentos, como axioma.

A ideia que deixamos expendida é a que hoje anima todas as conversações, a que domina o Parlamento, a que influe no Governo, a que se defende e sustenta, com uma ou duas excepções, por toda a Imprensa da Capital. O proprio *Diario do Governo*, apezar de não ser—como elle mesmo confessa—dos mais aferrados a considerações utilitarias, advoga energica e persuasivamente a mesma santa causa em que nos empenhamos.

Se, pois, a razão, o poder, e os publicos sufragios, tudo conspira para o mesmo fim, dêmos á Patria os parabens.

Pagando a divida de um grande beneficio, haverá ella grangeado um beneficio não menos grande.

Abra-se para logo o concurso para a esplendida edificação. A esse fim, admittam-se com os nacionaes, os estrangeiros. E' monumento, mas é tambem obra util, necessa-

[1] Vêde os nossos artigos 964 *Um monumento, veremos de quê*; 1:071, *O monumento de D. Pedro*; 1:131 (*Communicado*); 1:288, *Monumento com estatua*; 1:321, *O monumento*, etc. CASTILHO

ria, indispensavel; importa chegal-a quanto possivel fôr á perfeição.

Disputados entre si os riscos em leal batalha, e preferido o preferivel, apparecerá logo em abundancia com que dal-o á execução; e o edificio monumental de Dom Pedro, cumprirá em si as bençãos, até agora ineficazes, da pedra enterrada ha duzentos annos.

Rev. Univ.

CXXVI

Portuguezes escravos

(Abril de 1843)

Continúa Portugal a ser a Africa do Brazil.

Publica o *Diario do Governo* uma carta de Pernambuco, dirigida por Manuel José Coelho de Freitas ao Ex.mo Governador Civil de Angra, em que se relata a miseravel escravidão, que n'aquellas terras vão encontrar os que, fiando em promessas de bandoleiros, deixam as pobrezas do seu ninho, pelas pobrezas ainda maiores de terras inhóspitas do outro hemispherio.

*

Em Dezembro de 1841 aportára n'aquella provincia um navio com uma quantidade d'estes vendidos; pelos principios de Dezembro de 1842 outro, com cento e quarenta e tantos, filhos e filhas do nosso Archipélago Açoriano, «que foram *vendidos*—diz o correspondente—como ahi se vende o gado, e aqui os escravos. Alguns homens foram *vendidos* a 160$000 reis (phrase ordinaria); cinco d'estes infelizes foram para o poder de um

senhor de engenho, meu visinho, que os pôz a cortar canna, com um feitor negro seu escravo a tomar conta n'elles. Moças houve, que foram *vendidas* a 200$000 reis, unicamente para satisfazer os apetites brutaes e lascivos de seus infames compradores. Entre estas, uma, que se dizia virgem, foi offerecida por 300$000 reis; mas o capitão não a quiz dar, porque lhe não deram os 300$000 reis. Emfim, Ex.mo snr., se fosse a enumerar os casos d'esta e egual natureza, sería um nunca acabar. Com estas coisas, fica o nome portuguez infamado; e se o Governo não der providencias energicas para embaraçar uma tão vergonhosa emigração, embora se digam *providencias despóticas*, não sei aonde isto irá parar.»

Termina a carta censurando o nosso Consul n'aquella terra, porque não põe, da sua parte, côbro a taes escandalos.

A *Restauracão* extranha ao *Diario* a publicação d'esta ultima clausula, como injusta e injuriosa a um empregado íntegro, e que n'isto ha feito quanto d'elle dependia.

O Governo, segundo o mesmo jornal, tem adoptado pela repartição da Marinha providencias, que este mesmo de lá lhe suggeríra. ¡Bem haja esse empregado, e bem haja o Governo!

Taes providencias, entretanto, ainda até hoje não foram bastantes a sustar o mal. ¿Será elle irremediavel? Não o cuidamos; se uma vez se quizer de veras, dar-se-lhe-ha cura.

*

O tráfico da escravaria preta está declarado *pirataria*. Sáia uma lei enérgica, declarando *pirataria* este, que, pela seducção o é ainda mais atroz; esta compra, expatriação, e venda de homens brancos, e portuguezes. Fiquem sujeitos estes traficantes alquiladores de gente, e recrutadores de serralhos, ás penas geraes dos salteadores. Uma fôrca bem alta, levantada em cada porto maritimo, diga de longe aos infames raptores o que os aguarda; e veremos se elles continuam a transformar a liberdade, a saude, os affectos, a alegria, e as esperanças de centenares de pessoas, em barras de oiro para si.

Haja ahi quem proponha contra esses homens férreos uma Lei férrea, que de certo não haverá, entre os filhos leaes da boa terra portugueza, quem lh'a impugne, ou a não abençôe.

(Rev. Univ.)

CXXVII

O Monumento de D. Pedro

(Maio de 1843)

Todos queriam Monumento; havel-o-ha.

Quasi todos o queriam optimo; esse desejo vai ser coroado.

A columna, que só era lembrança, cedeu ao edificio, que será ainda mais lembrança do que ella; e o material cedeu ao espiritual.

D. Pedro será honrado segundo o seu coração [1]. A gratidão será gratidão, e philosophia. As gerações que vierem lerão o Nome do Libertador n'um foco de luz coroado de loiros vivos, e não n'uma pedra bruta afeitada de corôas mythologicas.

Suas Majestades, a Esposa, a Filha, e o Genro do Libertador, assim o entenderam, como a Nação. A Junta, que preferira a columna, reconheceu, ainda que tarde, mas reconheceu briosamente, a utilidade, a necessidade, o nobre e o poetico, da substituição.

[1] Estão vivas e sans pessoas de crédito, que se lembram de ter ouvido ao proprio Duque de Bragança que, se algum dia lhe quizessem fazer algum monumento, o que elle preferiria seria um bom Observatorio astronomico. CASTILHO.

Os proprios artistas, cujo elegante risco fôra preferido, os snrs. Rambois e Cinatti, abraçaram com satisfação o pensamento nacional. A' fé, que não era elle para deixar de ser sentido, festejado, e adorado, por dois tão verdadeiros genios como estes são.

Combatendo a desconveniencia da sua obra bella, mas só bella, nós lhes tributámos sempre a justiça mais completa. Quem houver lido todos os nossos artigos sobre tal assumpto, e souber que nunca as nossas relações de leal amisade soffreram a mais pequena quebra ou estremecimento, entenderá o que um dia (mas tarde) ha-de chegar a ser evangelho na Imprensa: que no julgar as obras não deve apparecer como causa, nem como effeito, o amor ou o odio. Um talento incontestavel nunca jamais se espinhará, porque lhe censuraram a sua obra imperfeita; agradecerá, e emendará. Os outros.... pouco importa o que farão.

Tributamos pois, como portuguezes, os nossos agradecimentos ao Paço, ao Governo, ao Parlamento, á Imprensa, ao Reino, á Junta do Monumento, e aos dois estrangeiros, que tão portuguez coração mostraram n'esta conjuntura.

O Nome de D. Pedro ficará ressoando a todas as horas, e por muitos seculos, sob abóbadas de um verdadeiro Templo de gloria, tendo por altar a sciencia, por adoradora a mocidade, a representante do futuro, e por festa incessante o desenvolvimento da civilisação.

(*Rev. Univ.*)

CXXVIII

O pagem de Aljubarrota

drama em 3 actos

PELO SNR.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR

(Maio de 1843)

Segunda feira 1 de Maio subiu á scena no theatro do Salitre, em beneficio dos inundados da Madeira, este drama, já de antemão abonado pelo nome do autor, pela generosidade que veio acudir com o fruto de um esplendido talento ao desamparo dos desvalidos, e pelos esfórços da parte san e esperançosa da nossa mocidade, que acolheu este nobre plano com a mais sincera vontade.

Da execução pouco diremos. Eram curiosos, e não comediantes; fizeram o melhor que sabiam e podiam; fizeram muito. Se algumas culpas veniaes por ahi se lhes notaram, ¿quem as não verá, até nos apurados mestres? de mais as absolvem a pureza das intenções, e o instituto da Sociedade.

*

O drama é historico; não só no titulo, que é o menos, mas no todo da ideia geral, na

indole da obra, nos costumes, e na lingua gem.

Seguindo n'esta peça o mais sizudo da escola alleman, o snr. Mendes Leal nem acanhou os traços, nem se esmerou todo em primores parciaes, em relevos de sciencia van.

Ao fundo do quadro é que pôz o pensamento historico. Entendeu e abraçou inteira a época, e não um ou dois factos; fez mais: deu-nos o retrato vivo e animado d'ella, com as inquestionaveis virtudes, com os sabidos defeitos; um certo instinto do Bello, que todos teem, o estava dizendo ao vel-a sahir tão modesta. Mas disfarçou o saber nas galas singelas de um estylo rapido e claro, ornado sem o querer parecer, sentido sem ares de creancice sentimental, que é o peor e mais deslavado beaterio d'este mundo.

Aceitou, n'este breve painel da vida intima de Corte de D. João I, a graça ingénua e meiga da escola média, que em França assentou Casimiro Delavigne, entre os arraiaes dos veteranos de muletas da trindade de Aristóteles, e os *sans-culotes* da revolução estonteada do romantico de sócco; exageração semsabor das ideias philosophicas e estheticas, que M.me de Stael veio começar, e Alexandre Dumas com Victor Hugo incarnaram no drama e no romance, como já o fizera Paulo Delaroche na pintura.

O nosso poeta soube acommodar ao genero que adoptou, a linguagem que lhe convem mais: é o mavioso, sentido, e enamorado de Bernardim Ribeiro, o trovador dos amores e das saudades, com leves clarões

do ardente, arrebatado, e romanesco do theatro hespanhol, e do natural e folgado de Gil Vicente. Era difficil acertar entre tantas variedades com a medida do gôsto puro: mas conseguiu-o maravilhosamente.

Nem é chão e despoetico, que resvale em razo e prosaico, nem tão alto que entre pelas nuvens como o vaporoso de Ossian. A nosso ver, este drama e o seu estylo representam uma nova escola, que medeia entre o gongorismo insupportavel dos Gracchos das Letras, e o muito popular das formas, que tambem tem o risco de cahir no real descorado e sem animação, que não é a linguagem e a vida do povo nos lances de grande paixões.

O enredo é simples; as situações, naturaes, e filhas legitimas do amplexo das diversas scenas; os caractéres, traçados com vigor e verdade historica e dramatica. Alguns podem ser *typos*, ou (como adverte Victor Hugo) podem ser alternadamente homem, ou ideia.

No dialogo notámos leves descuidos, talvez pompas demasiadas em certas formas, que mostram, mais do que deviam, o poeta por entre o veo do ideal. Talvez lhe sahiram estiradas de mais algumas scenas, que afrouxam o interesse da acção. Mas o todo do drama, pelo mimo, pela delicadeza e bem aproveitado dos contrastes e côres vivissimas das paixões, levou comsigo os sentidos e a admiração dos espectadores intelligentes a tão pasmoso encantamento, que, só depois de quebrado o collar magico, veio a reflexão lembrar-lhes, que não ha, mesmo na mais acabada obra, formosura sem senão.

Respeitamos como a mestre, e amanos quanto a filho podéramos amar, este joven principe da nossa Literatura, a quem tão altas glorias devem estar ainda reservadas. Por isso lhe dizemos a verdade plena, ou, pelo menos, o que temos por verdade. Só com talentos, como o seu, se pode usar de franqueza, como a nossa. Os elogios estrémes, temol os reservados para os tolos.

Em um dos proximos numeros da *Revista* analysaremos mais repoisadamente esta peça, que, a par das do autor do *Gil Vicente* e do *Alfageme*, annunciam a aurora de uma criação pura, harmoniosa, e sem enfeites de presumidos, lentejoilas que cegam minutos, mas ficam logo sem brilho diante das roupas singelas, e dos modos honestos, da verdadeira Arte.

(Rev. Univ.)

CXXIX

Guerra aos ratos

(Março de 1843)

¡Muito dava em que scismar a uma velha piedosa o não haver Noé deixado os ratos fora da Arca!

E' na verdade o rato uma das peores pragas animaes. O Egypto o esculpia nos seus monumentos como emblema da destruição. Os Abderitas, segundo Justino, e Plinio (se a memoria nos não falha), tão perseguidos se viram dos ratos, que lhes largaram a terra.

Em todas as partes do mundo onde vivem homens, vivem ratos para os flagellar, eximindo-se, apenas, d'estes inimigos os moradores das regiões polares.

A navegação e o commercio os teem levado, sem querer, a todas as partes; e a sua condição lasciva e fecundissima os tem propagado a um ponto, que já o mais intrépido estatistico os não calcularia.

Se os ratos fossem escritores, como os homens, poderiam pôr nos seus fastos que eram elles os verdadeiros reis da Criação, e o homem o primeiro animal empregado em seu serviço. Os architectos, e os artifices, para elles edificam as casas, os palacios, os templos, os theatros, os armasens, e as al-

fandegas. Para elles se fabricam nos estaleiros as alterosas náus. Para elles semeia o lavrador, e para elles recolhe o fruto nas suas tulhas. Para elles trabalha o marceneiro e o entalhador, o sapateiro e o tecelão, e muita vez o encadernador e o poeta.

Tudo serve á sua voracidade: os alimentos vegetaes, e os animaes. Tudo cede á sua furia roedora: a mobilia, os primores das artes, os vestidos, o luxo dos enfeites.

Não ha muitos dias, que, no canto escuro de umas aguas furtadas, se encontrou com uma extremosa mãe d'aquella especie amamentando seis filhinhos, todos formosos de pequenez e de innocencia, sobre um ninho acamado de plumas e flores de baile, de fragmentos de uma correspondencia mercantil, de retraços de um *Diario do Governo*, e de algumas fêlpas de pelle de cavallo de um bahu velho e aposentado. Era (mal comparado, e em ponto pequeno) a imagem symbólica e hieroglyphica da Gran-Bretanha.

E', pois, o rato (devemos confessal-o, apesar de inimigos) um grande e nobre ente. O cantor de Ulysses e de Achilles, o pae da Poesia, o celebrou em um poema. Os arúspices romanos lhe escutavam com respeito a chiada, para decifrarem n'ella a vontade dos deuses. Lafontaine, e todos seus predecessores e successores, foram seus historiógraphos. Mas, grande e nobre, nem por isso é menos maléfico, e menos merecedor da guerra, com que a nossa especie tem, em todos os tempos, perseguido a sua.

Para esta guerra, que já dura ha milhares de annos, não ha estratagema, não ha má-

china, a que se não tenha recorrido. Um tratado completo das ratoeiras egualaria em volume, se não em provas de engenho, a um tratado de tactica militar antiga e moderna, arte de fazer ratoeiras de outro genero, e só mais nobres porque em vez de quadrupedes apanham bípedes. Os venenos, cujo uso é prohibido pelo direito das gentes, até nas mais encarniçadas guerras, os venenos mesmos são por toda a parte empregados contra estes inimigos pérfidos, que tambem, da sua parte, não respeitam coisa alguma.

Ora pois: já que não bastam as ratoeiras, que são as nossas ciladas, os gatos, que são os elephantes que por nós mettemos n'estes combates, e as pelejas civis com que elles mesmos, já por fome, já por ciumes amorosos, frequentes vezes se entrematam; já que é forçado que de venenos nos sirvâmos, sirvâmo-nos embora; mas não seja do que geralmente se costuma, do arsénico, de que tantos damnos se teem originado.

O tártaro emético é já ha alguns annos conhecido por egualmente efficaz para o intento, e não sujeito a nos causar os mesmos perigos. Com elle apolvilham por dentro bagos de passas grandes, e, lançando-os nos sitios de sua frequencia ou passagem, lhes dão a morte entre as delicias do banquete.

No *Constitutionnel*, de Paris, de 26 de Março, achamos hoje o seguinte:

Destruição
de ratos e murganhos,
sem arsénico

«O snr. Salamon inventou um mixto, que mata os ratos, sem fazer prejuizo aos outros

animaes, nem ao homem. As reiteradas experiencias, que d'esta composição se fizeram no castello de Vincennes, e em varias outras casas públicas infestadas de ratos, provam que é efficacissimo, e muito melhor que o rosalgar. Custa cada cartucho 1 franco e 25 centimos (obra de 240 reis), e vende-se em Paris, rua de Bondy, n.º 12.»

Se fôramos nós boticarios, mandáramos vir a amostra d'este veneno salvador, a ver se pela analyse lhe atinavamos com a composição, e o podiamos cá fazer. Seria um beneficio para o Público, e uma renda surda para o vendedor. Já que de França importamos tanto rato, macho e fêmea, que nos roe até os ossos, e tanta ratoeira que nos caça, e tanto rosalgar que nos empeçonha (*art scénique, arsénic*), ¿porque não ha-de vir tambem uma vez coisa, que poupe e melhore a nossa fazenda particular?

(*Rev. Univ.*)

CXXX

Mais um quadro para a galeria christan

(Maio de 1843)

A Semana santa, no bello templo dos extintos Dominícos, hoje parochial de Santa Justa, foi, segundo o costume, decente e aparatosa; mas a sua corôa, a Alleluia, foi sobredoirada por um acto imprevisto, todo christão, todo caritativo, e todo poetico.

O Advogado F..., pobre e enfermo, havia ido pedir ás portas do Hospital de S. José remedio, ou um abrigo para os seus ultimos dias. Jazia ali, sob aquellas abóbadas lugubres, e sempre povoadas de gemidos, moribundo em seu leito deserto; rodeado (como se as suas não bastaram) de todas as angustias de seus fortuitos, de seus desconhecidos, de seus indifferentes, companheiros de miserias.

Este homem, que nós viramos, tão cheio de fortuna e de alegria, no meio da juvenil, estudiosa, ridente, e sempre enflorada, cidade do Mondego, sonhando talvez, como nós, como todos os que, para terem saudades toda a vida, passam n'aquelle paraizo a manhan d'ella, tão cheio, repetimos de sonhos,

de praseres, de representação, talvez de gloria... jazia agora mendigo entre mendigos, vazío de esperança, até de vida, e salteado de saudades, que ao mesmo tempo eram remorsos...

Deixava lá no mundo tres filhos, e nenhum d'elles era ainda christão. Deixava a mulher de quem os tivera, a quem amava, e de quem era amado; e este amor não fôra santificado perante os altares.

¡Quantos negocios graves, para acondicionar antes da partida, quando já sentia chegada a hora improrogavel! ¡quando já a sua fronte se esfriava com o vento mysterioso que se levanta ao levar ancora para a viagem do Outro mundo! Aproveita o tempo, collige o remanescente das forças, reacende no coração a luz da Fé, acha na Esperança os contentamentos que em vão procurára nos labyrintos mundanos, inextricaveis, espinhosos, e estéreis.

Reconcilia-se com o Ceo; dá a mão de esposo, para umas bôdas que já não hão de ser na terra; e implora as aguas vivificantes para os tres innocentes renóvos da sua existencia. N'um momento, e com umas palavras desfallecidas, abole quatro opprobrios segundo os homens; predispõe segundo a Fé quatro bemaventuranças. Já pode exhaar a alma descançado.

O baptismo dos tres orphãosinhos, cujo mais velho não excedia de seis annos, quiz o caridoso Parocho, o Rev.^{do} Elias do Carmo Constantino Ferreira, varão de não menos letras que piedade, celebral-o em dia de tão boas estreias como é o das Alleluias.

Ainda a egreja estava coberta de seus veos de luto, quando, entre os fieis congregados sob as mysticas trevas, começou a correr voz de tão singular acontecimento. Foi grande em todos a alegria, e a cubiça de ver os tres inculpados pagãosinhos, que, vestidos de branco, e engrinaldados de flores, esperavam, brincando na sacristia, a hora, já proxima, da sua festa grande. Arrazavam-se de agua os olhos a quantos n'elles os punham, contemplando tão formosa innocencia, e desamparo tão profundo; era sazão de aproveitar para a ceifa da caridade.

Metteu mãos a ella o snr. Antonio dos Santos Monteiro, mezario da Confraria do Santissimo, que, atravessando-se na porta da sacristia, pôz por condição á entrada de cada visitador o suave dever da esmola para os visitados. A 33$000 reis subiram logo ali os donativos, sem contar as promessas, muito mais valiosas, que depois recresceram.

Desassombrada a egreja ao som do «Gloria a Deus e paz aos homens de vontade boa»; entrados de subito na Casa santa, até ali invisivel e silenciosa, o sol por todas as janellas, a musica e os repiques de todos os recantos, as aves e flores de todas as varandas e abóbadas; apparecem, puros e candidos como o dia, mimosos e lindos como as capellas que os guarnecem, vívidos como as pombas que ainda esvoaçam por cima de suas cabeças, e desejados de todos como as boas festas, os tres futuros anjos, os tres filhos adoptivos da caridade, os coroados

com tres díademas, como diz um grande Poeta:

Innocents, faibles, et petits.

Com elles se estreou o lume novo; n'elles se estreou a agua recem-benzida; nunca se entrou mais triumphal, mais auspiciosamen te, pelas portas da Fé.

Muita lagrima correu ahi, por faces desacostumadas, sem se esconder; foi um dia de glorias muito grandes para a Religião.

Os que ha pouco não tinham terra nem Ceo, não tinham pae, não tinham sequer mãe, um Sacramento lhes deu mãe e pae; outro lhes abriu o Ceo. O de mais, fel-o a caridade, que é tambem (se ousamos dizel-o) uma especie de sacramento. Os bens da terra, a que mal poderiam aspirar, a caridade lh'os assegurou.

A madrinha de todos foi a esposa do snr. Miguel Paes do Amaral. Os padrinhos, o mesmo snr. Miguel Paes, do mais velho; do segundo, o snr. D.^{or} Farto; do mais pequenino, o snr. Manuel Ribeiro da Silva Junior.

O snr. Farto mandou vestir o seu afilhado, estabeleceu lhe uma mezada de 1$200 reis, e se obrigou a correr-lhe com a criação e educação. Egual promessa fez do seu o snr. Ribeiro da Silva Junior. O snr. Paes não podia ficar a traz: no dia seguinte foi visitar o seu novo *filho*; brindou-o; acariciou-o; prometteu-lhe como pae. O seu caracter, a sua influencia, as suas posses, são conhecidos; a futura sorte do afortunado infeliz algum dia excitará invejas.

Concluâmos, repetindo o que sobre a liberalidade da Providencia evangelisava S. Matheus aos tibios na Fé:

«Olhae-me para as aves do ceo; aquellas não semeiam, não ceifam, nem encelleiram; e mas o vosso Pae Celeste lá as mantém. ¿Não valereis vós para Elle muito mais do que as aves do ceo? Considerae-me tambem os lirios do campo como crescem; não trabalham nem fiam; e mas vos digo, que nem Salomão, em toda a sua gloria, andou nunca trajado como qualquer d'elles. Ora pois: se até ás hervas do campo, que hoje estão viçosas, e amanhan se mettem para o forno, assim as veste Deus, ¡quanto mais não fará Elle para comvosco, insensatos, que desconfiais da Providencia!»

(*Rev. Univ.*)

CXXXI

O cipreste frutífero

(Maio de 1843)

Os testamentos poderiam offerecer a um philosopho materia para estudos moraes muito profundos. Cada testamento representa a alma de seu autor n'um lance, em que é difficil (se não impossivel) que ella não esteja no seu verdadeiro ser.

Quando o mundo nos está pela frente, todas as suas côres se refletem no nosso espirito; todos os seus movimentos nol o abalam; todas as suas vozes nol-o aturdem; todos os seus longes de esperanças nol o desvairam; e as vaidades, como as realidades, egualmente nol-o transformam e dominam.

Quando, porém, lhe voltámos as costas para pensar na hora inevitavel, ou quando já a Morte nos bate no hombro para que partâmos; quando concentramos a attenção n'aquelle momento, que alguns hão transposto sem pensar n'elle, mas em que ninguem ainda pensou sem se aterrar... todas as illusões se desvanecem, todos os vinculos futeis ou ociosos se desatam, todas as coi-

sas [illegible] sem másca-

ra. Não se vê, não se pensa, não se diz, senão a verdade.

Parece, logo, que todo o testamento havia de ser necessariamente um exemplar de justiça e de caridade; e bastará dizer *de justiça*, que não é a caridade outra coisa senão dever, e dos mais apertados.

E todavia não corre assim. Raro testador, ainda d'aquelles que mais desobrigados estão dos laços naturaes do sangue, ou dos da gratidão, se lembra de semear na terra da sua sepultura pão que os verdadeiros necessitados hajam de colher.

N'isto (como em outras muitas coisas) valiam mais nossos avós do que nós outros. As albergarias, os hospitaes, as misericordias, assim (quasi só assim) se fundaram, dotaram, e cresceram.

¡Oh! ¡como deve ser delicioso o adormecer do ultimo somno, com a cabeça reclinada (melhor do que no melhor travesseiro de plumas) sobre um testamento de verdadeiro beneficio a verdadeiros indigentes!

*

Lembrou-nos suscitar estas breves considerações, que, se Deus as abençoar, pode ser que aproveitem ainda para alguem, quando ouvimos que na freguezia de Santos, d'esta cidade, um homem rico, ha poucos dias fallecido, deixára todo o seu cabedal, que montava a perto de 180 mil crusados [1], para ser repartido por sessenta pobres seus

[1] 72 contos de reis.

Os E[illegible]

comparochianos, preferindo-se d'entre estes os cegos, e os inválidos que tiverem servido no Exercito.

Provavel é que não deixaria verba, nem codicillo, para grandes exequias de musica, nem sepulcro de marmore lavrado; mas ¡que sahimento mais para ver, que sessenta familias a chorarem, de gratidão, as lagrimas que d'antes esparziam por penuria e desamparo!

Um tumulo, sim, lhe quizeramos nós; e n'elle a sua memoria em grandes letras, para que, no meio d'este seculo de egoismo, houvesse ao menos uma pedra, que estivesse prégando a caridade. ¡Quantas corôas de agradecidos a não abraçariam!? ¡Quantos paes e mães, levando algum dia no anno os seus filhinhos áquelle valle do repoiso, não prefeririam sentar-se com elles debaixo do mesmo cipreste, que ondeasse as suas sombras sobre uma pagina tão curta, tão santa, e tão rica de lições e de inspiração!?

Era o pastor espiritual da freguezia, quem devêra promover tal monumento. Era a Autoridade, que vende a terra para os mortos, quem gratuitamente devêra offerecer esta, se não para recompensa do finado, para interesse ao menos dos vivos e dos vindoiros.

(*Rev. Univ.*)

CXXXII

Phrenómetro

(Maio de 1843

Publica o Jornal da muito benemérita Sociedade das Sciencias Medicas, de Lisboa, estampa e descripção de um instrumento, inventado, feito, desenhado, e offerecido com o nome de *phrenómetro* á mesma Sociedade pelo snr. Hypacio Vielle.

E' o fim d'esta simples e engenhosa machina medir, com a maior exacção, as protuberancias e cavidades, que os phrenólogos estudam no crâneo, para d'ahi tirarem os seus prognósticos moraes e intellectuaes.

Não transcreveremos estas curiosas peças, porque respeitamos a propriedade literaria dos outros, como queremos que os outros nos respeitem a nossa.

E' cada jornal um predio, de uma ou varias culturas, em que não vem fruto sem dispendio de tempo, cançasso, e dinheiro. Roubar os frutos a seu dono, e, só pelo merecimento de os ter apanhado, ir muito glorioso vendel-os no mercado, ás barbas d'elle, é devassidão, de que (por mais que nos roubem) nunca havemos de tomar exemplo; antes todos os dias suspiramos, por que venha

a Lei pôr bons vallados e tapumes nos predios literarios de cada um, e conceder a seus agricultores o uso de armas, e o direito de atirar a maltezes rapinantes, como a lobos e raposas.

Que nos meça o phrenómetro a cabeça: do orgam da *furtividade* não se gabará de descobrir n'ella nem um ápice.

Os cubiçosos, pois, de o conhecer, que recorram ao periodico da sobredita Sociedade, ou a ella mesma, a qual tanto apreciou o invento, que determinou premiar ao autor com uma medalha.

(Rev. Univ.)

CXXXIII

Magnetismo

(Maio de 1843)

A sciencia do *magnetismo*, se o é, não está ainda julgada, nem, ao menos, conhecida. O que sobre a materia se nos tem sôltamente deparado, a nós que não somos naturalistas, figura-se-nos sobre-maneira equívoco e suspeito; e (se havemos de dizer toda a verdade) ainda os argumentos contra o *mesmerismo* nos não fazem tanta força como os argumentos e factos em que os mesmeristas assentam a sua doutrina.

O *mesmerismo*, quanto a nós, é um mixto de algumas verdades naturaes menos patentes ás turbas, de muita superstição scientifica, e de muita velhacaria de especuladores.

Os magnetisadores são os magos, são os sacerdotes de Isis da nossa edade; e uma das coisas mais ridiculas (em nosso conceito) é verem-se, n'um seculo allumiadissimo, homens, nem rudes nem leigos, rirem da Revelação, e acreditarem que um livro aberto sobre a barriga possa ser lido pelo embigo; chasquearem com o don das Linguas dado aos Apóstolos, e defendem — que o latim de Padre-Cura podia transmigrar magneti-

camente para a sua ama; recusarem a Christo a cura milagrosa dos enfermos, e concederem a uma mulherinha idiota magnetisada a virtude de conhecer molestias, e de lhes receitar remedios em que nunca ouvira falar; finalmente: não admittirem que o enthusiasmo da Fé e da Esperança podesse inspirar canticos aos Martyres, e darem por corrente que a um Inglez, magneticamente adormentado, podesse um cirurgião, seu patricio, amputar uma perna, sem que elle (¡elle, o paciente!) tivesse dores, nem sonhadas.

E todavia... assim se lê no *Journal des Sciences Médicales.*

Os curiosos de assistir em espirito a esta farça tragico-scientifica, podem recorrer ao *Jornal das Sciencias Medicas*, de Lisboa, pertencente ao mez de Fevereiro, e que hoje se acaba de publicar. O artigo vem a pag. 65.

Se ha coisa capaz de infundir taes somnos, que até resistam a córte de pernas, são, a baixo de uma questãosinha politica tomada ao serio (*salvo meliori judicio*) estes famosos relatorios, francezes, inglezes e allemães, de *magnetisadores* e *magnetisados.*

(*Rev. Univ.*)

CXXXIV

Mais uma vez o Monumento de D. Pedro

(Maio de 1843)

Pressuppomos, como em consciencia devemos pressuppôr, que se vão consagrar os publicos donativos para um monumento do Libertador, á edificação das Escolas Polytechnica e do Exercito, pelo menos; e assentamos como certo, que ninguem, que já para a columna contribuisse, reivindicará o seu obolo por se haver a columna de pedra transformado em columna de luz; antes, por essa esplendida transformação, os que recusaram, offertarão agora; e os que deram, darão de novo, e com mão larga.

¿Como, porém, se empregará esse monte de oiro, que vai acrescer aos capitaes proprios, com que as mesmas Escolas concorrerão, para que a obra de todo o ponto saia cabal, e digna da sua sublime invocação?

*

Tempo é, segundo nos parece, de começar a Imprensa a intender tambem n'esta questão nacionalissima.

Quanto a nós, que reprovámos, e reprovaremos sempre, o malbaratar-se um unico

real dos escassos dinheiros publicos, egualmente reprovariamos que, onde se trata de aparelhar instrucção e civilisação para o presente e para o porvir, se acanhassem, por medo a dispendios, as traças dos riscadores.

Somos pobres para theatro sem alicerce, nem capacidade, nem arte. Somos pobres para columnas romano-italas, que nada exprimem nem produzem.

Mas, por isso mesmo que pobres somos, devemos a todo o custo cometter, e levar a cabo, as obras que nos abonam riquezas sociaes. Já em o nosso artigo 1:619 *(O incendio do Collegio dos Nobres)*, lembrámos como conviria riscar assaz amplo o futuro edificio, para que n'elle se congregasse a maior fôrça de estudos, ora dispersos. Agora completaremos esta proposta.

*

A Bibliotheca publica d'esta Cidade, só por falta de mais acommodado sitio que se lhe podesse offerecer, é que se trasladou para o convento dos extintos Franciscanos, bem como as escolas, officinas, e galerias, da Academia das Bellas-Artes.

Como os desenhos, e como os paineis de grande crédito e valia, ali se estão egualmente damnificando os livros e manuscritos, de que se compõe aquelle thesoiro intellectual, feito á custa de largos annos e despezas, protegido em todos os tempos com muitas providencias especiaes, amado e frequentado com proveito por todos os estudiosos.

O pessimo repartimento d'este edificio, a sua impropria e confusa distribuição, e a sua

falta de luz, (em partes quasi absoluta), teem já afugentado um grande numero de ledores; mas a este mal grave, outro accede, tão grave, tão extremo, e tão mortal, que, se em breve lhe não acudirem com o remédio, já não haverá remedio com que lhe acudam.

Duzentos mil volumes poisam por ali como as ossadas dos martyres nas catacumbas, apodrecendo ás escuras e em silencio n'um banho perenne de ar estagnado, humido, e fétido. O pó do tijolo os cobre e descóra; o bolôr os contamina; a polilha os carcóme; as traças de todas as castas, feitios, e tamanhos, os cosem, descosem, e pulverisam. Estas lástimas que já se vêem e palpam, crescerão de verão para inverno, de inverno para verão, e de mez para mez; e dia virá, que, em logar de um Bibliothecario, se haja de nomear um Professor de entomologia.

Para evitar que tal dia chegue, importa e urge aparelhar casa, onde se recolham e salvem os remanescentes, ainda muitos e ainda ricos, de tantas e tão copiosas livrarias.

¿E que mais proprio sitio para o intento, que o grande Collegio monumental de D. Pedro?

Os instrumentos da Sciencia, ao pé dos obreiros da Sciencia.

*

Todos os Governos illustrados teem favorecido, e favorecem, e hão de sempre favorecer, as Bibliothecas.

El-Rei Osymandias, que fundou no Egypto a primeira de vulto de que ha memoria, e com ella (vá dito de passagem) fez parte ao admiravel monumento por si a si mesmo

consagrado, como refere Diodóro, el-Rei Osymandias com rasão lhe mandou esculpir por cima da entrada: BOTICA DE TODOS OS REMEDIOS DA ALMA; e de todos os remedios do corpo — podéra tambem acrescentar.

Destruir livrarias, só o fizeram na Europa os Bárbaros que a inundaram; na Africa, o archote fanático de Omar.

Deixar a nossa onde jaz, seria destruil a. Para a tirar d'ali, e salval-a, não ha talvez outro algum modo, afora este que apontamos.

Pedimos aos jornalistas, de todas as encontradas opiniões, que discutam isto, como assumpto de muito grande interesse.

*

Chamava aos seus livros um poeta latino dos modernos, e lyrico mui gracioso, «os seus boisinhos», os boisinhos da sua querida lavoira; *mei buboli.*

Se os amarrados á columna se opposerem á diversão d'aquelle dinheiro para taes fins, se no combate da pedra contra o espirito sahirem vencedores, poderão gabar-se de haver feito a D. Pedro uma apotheóse pagan com todas as formalidades. Tel-o-hão posto materialmente nas nuvens; ter-lhe-hão tributado uma hecatomba de nova especie: de *cem* bois eram as dos Romanos; na sua perecerão *duzentos mil*; *mei buboli.*

¡Grande festa! ¡grande triumpho! ¡grande progresso! ¡e sobretudo grande obediencia aos desejos com que morreu (e de que talvez morreu) o Principe Philósopho e Illustrador!

(*Rev. Univ.*)

CXXXV

Serão musico

(Maio de 1843)

Em beneficio do nosso distinto pianista e compositor, o snr. Manuel Innocencio Liberato dos Santos, houve em S. Carlos, a 12 do corrente, uma *Academia* musica, digna, pelo que n'ella se fez, da enchente que attrahiu, e dos applausos que a coroaram.

Sem nos determos em repetir elogios á orchestra, e aos cantores, Ferretti, Constantini, e Maggiorotti, que executaram (como quem são) differentes trechos de operas conhecidas, diremos só, que o beneficiado, no seu concerto de forte-piano, mereceu as estrepitosas salvas com que o saudaram, pela sciencia, pela profundez, pelo mimo, pela delicadeza, da sua execução.

Mas a grande symphonia do *Gilherme Tell* executada em quatro pianos por oito pessoas simultaneamente, arrebatou a entendedores e não entendedores. Oitenta dedos adextrados, e agora influidos pela competencia, giravam pelas quinhentas cordas d'este grande instrumento quadripartido, sem confusão, sem encontro nem discrepancia, e sem ambiciosa usurpação de effeitos. Era uma sym-

phonia, ao mesmo tempo para os ouvidos e para os olhos, um turbilhão de mãos a esvoaçarem, como fada por uma selva magica, por onde o ânimo folgava de perder-se, e onde de cada tronco, de cada ramo, de cada folhinha, se expediam á sua passagem notas de todas as côres, de todos os affectos, já sôltas, já em grupos, já em torrentes, já em diluvios. E tantos elementos, e tão vasto cahos apparente, era a harmonia; era um mundo de delicias, porque no centro de tudo residia, via-se... ¡a alma! ¡o genio! ¡ROSSINI!

(*Rev. Univ.*)

CXXXVI

A alguem interessará

(COMMUNICADO)

(Maio de 1843)

N'uma Revista *universal* bem poderá registar-se uma curiosidade, que talvez irá dar alegrão a mais de um curioso d'essa Europa, se este artigo fôr traduzido, ja que a nossa Lingua, que tanto Mundo correu e conquistou, ninguem n'esta Europa a conhece (e é pena).

Todos sabem como a aguia, rainha das aves, outr'ora romana, se naturalisára franceza; e mais ostentoso era para a França esse imperial pendão da *Aguia*, do que o *Livro aberto*, com rabiscas fingindo letras, que a revolução de Julho substituiu aos *Lises*.

Tão pouco haverá quem deslembre a recente e tresloucada tentativa, que fez Luiz Napoleão, para de novo restaurar na sua pessoa a dynastia Buonaparte. Na combi-

nação dos seus planos entrava como elemento, como agente, a *Aguia:*

.....dignus vindice nodus.

Conta-se, que até acostumára uma a lhe vir comer em cima do seu chapeo armado, para que, em elle desembarcando, ella, preparada para o milagre por um largo jejum, lhe viesse poisar sobre a cabeça, pagando-lhe a pitança com um diadema:

.....rapti Ganymedis honores.

Sabendo nós d'esta anecdota, semi-heroica, semi-mahometana, e semi-burlesca, e constando-nos vagamente que em Santiago de Cacem se matára uma aguia, que tinha um letreiro a respeito de *Luiz*, mandámos averiguar o caso, e pedir quantos documentos authenticos, ou outras quaesquer provas, o podessem abonar.

Veio-nos um instrumento de autos de justificação, cuja integra não transcreveremos; a substancia é quanto importa.

Não tem o facto referencia ao ultimo Principe, mas é muito anterior; e naturalmente a aguia fôra sôlta na Hollanda, no tempo em que lá foi Rei o irmão de Napoleão, Luiz Buonaparte. Foi o caso, que, por volta do anno de 1810, um caçador, por nome João da Rosa, morador em Melides, matou,

junto á lagôa d'aquelle logar, «uma aguia de côr cinzenta, de uma vara de comprido proximamente, e uma de largo, com as azas abertas, bico comprido e direito; a qual tinha na perna direita um anel de prata, com um letreiro que dizia: *Luduvic. Napoleon.* Juni. MDCCCVIII.»

Lá os snrs. Hollandezes que esquadrinhem quando, como, e para quê, se lançou aquillo ao ar, com todas as formalidades, segundo parece, como se expede uma náu do estaleiro.

-(*Rev. Univ.*)

CXXXVII

Insoffrivel audacia protestante

(Maio de 1843)

Pouco deverá já admirar a obstinação do Dr. Kalley, na Ilha da Madeira, em perverter catholicos para o Protestantismo; outros eguaes missionarios trabalham, activa e descaradamente, aqui, em Lisboa, na Capital do Reino, ás abas do Throno Fidelissimo.

Em quanto os Rev.^{dos} Padres dos Inglezinhos, servindo, com incançavel zelo a Religião do Estado, procuram educar n'ella os filhos dos seus compatricios catholicos; em quanto dos outros aceitam com alvorôço os que para esse fim se lhes offerecem, mas não vão pérfidamente allicial-os, violando o direito, e perturbando o repoiso das familias; uma escola ingleza, com a isca de algumas esmolas, muitas promessas, e muitissimos enredos, seduz, pesca, e deita a perder, quanto pode não só de filhos de Inglezes catholicos, mas até (¡oh lástima! ¡oh vergonha!) de filhos de Portuguezes rudes e indigentes.

Temos factos, com que provar superabundantemente esta grave accusação; mas reservamol-os para mais amplo tratado. Hoje só esboçaremos um, tão recente, que apenas

passa de semana; e tão atroz, que, se d'elle não tiveramos demonstração, o não crêramos possivel.

Fallecêra, havia dias, uma Ingleza viuva, mãe de uma filha e um filho já adultos, e de uma menina de nove annos. Seus dois filhos mais velhos haviam pedido, e alcançado dos Padres dos Inglezinhos, a instrucção e o baptismo. A mãe seguira o seu exemplo, e expirára no gremio da verdadeira Religião.

Restava a innocentinha. A titulo de anteriores relações de amisade, um dos agentes da desaforada propaganda manda pedir a sua irman a envie a passar um dia com a mestra, ou presidente, de suas escolas. Contavam-se vinte e quatro horas depois da morte da mãe.

Vai a menina. A' hora de dever tornar para a sua poisada, chegam, em vez d'ella, desculpas. No dia seguinte, desculpas novas. Apresentam-se o irmão e a irman a pedil-a, a reivindical-a. Tudo é inutil. Voltam para casa sós, e desconsolados.

Inspira-os o coração: vão no immediato domingo esperal-a, onde teem por certo que darão com ella, no caminho da escola para a capella infiel do cemiterio dos Inglezes.

Assim que se avistaram, a pequenina e os seus dois libertadores, voaram a abraçar-se, entre as alegrias do presente, e as lagrimas com que as passadas saudades se despediam. Já se dispunham para partir todos juntos, quando dois d'aquelles covardes raptores, arrancando novamente, e por fôrça, a ovelhinha indefeza áquelles cujo sangue era o seu sangue, cujo nome era o seu nome, cujos in-

teresses, e cujo futuro nem na terra nem no Ceo devia jamais ser desatado do seu futuro, a reconduziram arrebatadamente para o seu covil de perdição, para aquelle cárcere privado no meio de uma cidade livre, para aquella activa officina de venenos, para aquelle prostíbulo de almas, peor e mais odioso que o dos corpos.

A Justiça civil interveio no caso; mas, á hora em que isto escrevemos, a raptada jaz ainda nas garras dos raptores.

Não convém por ora dizer mais; mas o que ahi fica basta para pôr sobre-aviso os magistrados, o Prelado, o proprio Governo, a Imprensa, e o Público.

¡Eis ahi os Inglezes! Com duas machinas trabalham, sós contra todos, para a usurpação e predominio universal: uma é o vapor com o *improvement* dos tratados á fôrça; a outra, o simulacro da Biblia, com a astucia, a esmola interesseira, e o rapto.

O proselytismo é para elles como o vapôr: uma fábrica, e uma politica.

Não sabemos por que rasão elles, que tudo alteram nas Escrituras, segundo se antólha a seus interesses, não emendaram as palavras de Christo, fazendo-lhe dizer: *O meu Reino não é senão d'este mundo.*

Teriam tido ao menos o pequeno mérito de ser sinceros, confessando com boa graça o que lhes seria impossivel denegar. A multiplicidade de variações da Egreja protestante, a liberdade de interpretação, de que todas ellas gosam, argumentos são, mais que evidentes, do que dizemos.

Entendemos o que é zelo de phariseu em bôcca de publicano. As seitas inglezas pertencem ao Christianismo, como os pardaes pertencem á seára, ou como ao culto do Templo pertenciam os que debaixo do seu tecto iam mercadejar, e que o Salvador expulsou com o azurrague. Quem quizer ser salvo.... ha-de imitar ao Salvador.

(Rev Univ.)

CXXXVIII

Abuso de liberdade... poetica

(Maio de 1843)

Quinta feira 18, occupava o banco dos accusados, no Tribunal correccional dos Paulistas, um reo de um crime de nova especie.

Barbeiro de officio, mas sem loja, e nas horas vagas *batedor de balas* por uma tendencia e vocação literaria incontrastavel, o snr. mestre A. T. achava ainda na sua dúplice occupação de escanhoar e illustrar, alguns sobejos de tempo para apregoar papeis pelas ruas, e recitar suas trovas ás turbas, que festejavam n'elle um successor de Domingos dos Reis Quita, e de Antonio Joaquim de Carvalho.

Fôra o crime do nosso poeta ambulante, restaurador dos oiteiros n'um seculo em que tudo são valles de prosa, declamar, em periodos deseguaes e rimados, contra a ordem politica estabelecida.

A Lei não reconhece o periodico verbal e em consoantes; a Policia, executora da Lei, prendeu-o.

Felizmente para o snr. T. os versos não eram seus; quanto n'elles tinha, era o gaz que lhes emprestava na recitação.

Sahiu absôlto, mas com o ajuste de nunca mais brincar assim com versos d'aqui por diante.

Suppõe-se que já a estas horas terá posto sua nota refutativa no texto, onde o mestre da *Arte poetica* diz, que aos pintores e poetas sempre se deu licença para se atrevêrem a tudo, *quidlibet audendi*, e adoptado por divisa outro texto do mesmo livro, em que o autor diz, que não pretende ser poeta, mas fazel-os, imitando n'isso o rebôlo, que dá fio á navalha, sem elle mesmo saber cortar.

(*Rev. Univ.*)

CXXXIX

Um barbeiro que escanhôa de veras

(Maio de 1843)

Apóz um barbeiro poeta, vem figurar nos fastos judiciarios um barbeiro procurador; procurador como ha muitos, procurador para si (tudo é officio de rapar, dizia um gracioso discreto).

O bom do mestre, que por nome não perca, tinha o seu modo de vida para um arrabalde da Cidade. Sabendo que um sujeito, de familia sua conhecida, se achava prezo, foi a casa d'ella, e, com toda a lábia de barbeiro, e manha de saloio, depois de lhe encarecer as relações que dizia ter com o Juiz, o snr. Reis e Vasconcellos (um dos mais integros e illustrados ornamentos da Magistratura), prometteu que obteria d'elle a soltura do individuo, se se quizessem «fazer em dinheiro».

Acreditaram-n-o, venderam o seu oirosinho e roupas, no que apuraram 3o mil reis, que logo lhe metteram na mão.

Excusado é dizer que o milagre nem se fez, nem se tentou; nem com a Justiça, com quem era o caso, se podia tentar. A fraude não tardou em ser descoberta.

Corre com a maior actividade o processo contra o tosquiador industrioso, a quem (segundo dizem os visinhos) se está armando d'esta feita um *rabicho* capaz, não falando nos *sabonetes* com que já todos o mimoseiam.

São lances da fortuna. Não logrou soltar o prezo, como promettêra, mas fará mais do que promettêra, que ha-de ir acompanhal-o no Limoeiro.

(Rev. Univ.)

CXL

Açoites

(Maio de 1843)

Nos jornaes d'esta Cidade lemos um atrocissimo abuso de autoridade, commettido por um commandante de navio de guerra contra alguns dos seus marinheiros.

D. H. F., 2.º Tenente da Armada, achava-se commandando a escuna «Boa Vista» nas ilhas de S. Thomé e Principe.

Recolhendo-se um dia de terra para o escaler que o devia conduzir a bordo, acha os remeiros, todos ou alguns, toldados de vinho ; e sabe que tiveram entre si uma pendencia. Entrado com elles no seu navio, manda formar a guarnição, amarrar ao mastro grande um dos embriagados, e applicar-lhe por um de seus companheiros com uma corda de duas pollegadas e meia de grossura 2317 azorragadas. Só depois que ao forçado executor falleceram de todo as fôrças, é que deu fim o supplicio, em que o paciente se vira duas ou tres vezes desmaiar.

Ordena o barbaro que o desamarrem. ¿Será para lhe acudir com os soccorros que a Natureza está imperiosamente requerendo? não. A vista de tanto sangue, derramado á

sua voz, havia-lhe inspirado aquella ebriedade raivosa, tão familiar aos assassinos como aos tigres. Manda que o levem para baixo, e o mettam a ferros. Soccorros, nem divinos nem humanos os havia ali, n'aquelle chaveco de pirata desalmado. Faltava cirurgião; o cosinheiro se offerece para o sangrar; mas o sangue já não corre.

Passado um quarto de hora, havia um homem de menos na embarcação; talvez um condemnado de mais ás portas do Outro-Mundo, gritando até ao throno de Deus:

—¡O meu sangue, todo o meu sangue, sobre a cabeça do meu matador!

Outros dois marinheiros foram semelhantemente suppliciados, um com 1020 açoites e outro 900.

A despeito do feróz, que ordenava se lançasse ao mar o cadaver, a Guarnição o levou para a terra, a lhe dar sepultura de Christão, e correu a denunciar ás Autoridades as inauditas scenas que se acabavam de passar.

Procede-se immediatamente a um conselho de investigação. O Commandante é pronunciado, prezo, e exonerado do commando. O Conselho de guerra que para logo se instaura, o condemna á pena capital.

A escuna «Cabo Verde» o trouxe para Lisboa, e aqui se acha prezo na fragata «Duqueza de Bragança». O processo está affecto ao Supremo Conselho de Justiça Militar.

(Rev. Univ.)

CXLI

Galeria dos contemporaneos

(Maio de 1843)

Sahiram á luz as primeiras duas folhas d'esta obra. N'ellas vem um resumo critico da vida dos snrs. *Adriano Mauricio Guilherme Ferreri*, *Agostinho Albano da Silveira Pinto*, *Alberto Carlos Cerqueira de Faria*, *Alexandre Herculano*, *Antonio Alluisio Jervis de Athouguia*, *Antonio Alves Martins*, *Antonio de Azevedo Mello e Carvalho*.

Religiosamente aferrados, n'esta Redacção, á neutralidade politica, abster-nos-hemos de julgar esta obra, crédora aliás de attenção, pelo estylo energico, imaginoso, e ataviado; ás vezes philosophicamente discréto, ás vezes epigrammaticamente gracioso.

A noticia acerca do snr. *Alexandre Herculano*, essa, sim, podemos, sem quebra do nosso compromisso, recommendal-a como excellente. O talento, ou antes os muitos talentos, e mui variados, do nosso amigo, ahi são apreciados com grande justiça. O seu bello caracter moral e politico está retratado

pelo natural. Só se poderia desejar (se os limites que os autores assignaram á sua obra o consentissem) que nos dessem uma analyse, mais miuda e circumstanciada, de cada um dos escritos d'este verdadeiro genio, o mais literario e philosophico de quantos em tão fecunda terra se hão até hoje revelado.

(*Rev. Univ.*)

CXLII

A Escola britannica

Thema : A menina de nove annos

(CARTA)

(Junho de 1843)

«Ill.mo S.nr Redactor da *Revista Universal Lisbonense*.

«No numero 35, a paginas 439 do seu Jornal, appareceu um artigo calumniando a Escola franca britannica, cuja Commissão administrativa requer que V. S. publique a seguinte refutação.

«A Escola franca britannica foi estabelecida n'esta Cidade no anno 1837; é patrocinada por S. E. o Embaixador de S. M. Britannica n'esta Côrte; presidida pelo Consul de S. M. Britannica; inspeccionada pelo Rev.º Padre Capellão da Capella Britannica; administrada por uma Commissão composta de sete Negociantes Britannicos d'esta Praça; e é sustentada somente por contribuições voluntarias, feitas annualmente pelos Subditos Britannicos residentes em Lisboa e no Porto.

O fim da Instituição é ser um asylo para a educação, sustento e amparo gratuito dos orphãos e creanças de paes, Subditos Britannicos, indigentes, recebendo-se sómente d'a-

quelles paes, que teem meios, o que podem contribuir para o sustento de seus filhos. As portas da instituição estão abertas gratuitamente a todas as crianças, cujo pae ou mãe fôr Subdito Britannico, e a todos os filhos de pae estrangeiro, que queira pagar a despeza de seu sustento; porém de maneira alguma se recebem crianças indigentes cujos paes são ambos Portuguezes, apesar das muitas rogativas que a Commissão tem tido; esta exclusão não é por falta de commiseração para com os Portuguezes pobres, mas sim porque o corpo collectivo dos Subditos Britannicos Protestantes, residentes n'este Paiz, não se intromette, nem se deseja intrometter, com as instituições religiosas do mesmo Paiz. Aos paes das crianças admittidas na Esola nenhuma vantagem se lhes offerece, nem se lhes dá, senão a educação, sustento, e vestuario de seus filhos; o unico meio que a Commissão emprega é exhortar os paes a fazerem os seus deveres para com os filhos.

«Os paes e parentes teem livre accesso ás crianças, e livre dominio paternal sobre ellas; conformando-se aos regulamentos da Instituição, que são, pouco mais ou menos, os mesmos, que os dos demais asylos e semelhantes estabelecimentos de caridade n'esta cidade.

«As crianças são ensinadas nas primeiras letras, e mais instrucção propria da sua edade, sexo, e condição, e cuidadosamente educadas na Religião Christan Catholica, conforme as doutrinas e preceitos da Egreja reformada, ou Protestante, estabelecida em Inglaterra.

«Esta exposição dos factos, e dos principios, que regem a Escola franca Britannica, é a unica resposta que daremos aos vitupérios, com que aquelle falso e indecoroso artigo calumniou o Asylo da Infancia Britannica desvalida; e estamos convencidos que nenhum Portuguez honrado e imparcial necessitará de outras provas para reconhecer a calumnia e intriga, que suggeriram aquelle artigo.

«Quanto á narração pathetica, que o difamante artigo fez do que occorreu com uma menina orphan, asylada na nossa Escola, duas palavras rectificando os factos, e supprindo os que o incendiario libello supprimiu, serão quanto baste para que o Publico portuguez conheça a verdade.

«A familia ingleza indigente, de que o artigo faz menção, nasceu, baptisou-se, e viveu sempre no gremio da Egreja Britannica Protestante, e foi sempre soccorrida pela caridade do Clero e membros da mesma Egreja, de quem a viuva (mulher pobrissima e de mui pouco entendimento) recebeu por annos constante esmola, e os filhos educação, sustento, e vestuario, na Escola franca Britannica.

«A viuva assistiu constantemente ao serviço divino na nossa Egreja; ali recebeu esmola, e o Sacramento da Santa Communhão do Senhor, na sexta feira da Paixão, e o mesmo Sacramento no domingo da Paschoa, na tarde de cujo dia foi acommettida de um ataque apoplético; e o filho mais velho chamando os Padres dos Inglesinhos, estes a fizeram baptisar e ungir; o que causou tal

indignação na communhão Protestante, que ninguem quiz senão deixal a aos seus novos Protectores.

«Porém agora é sabido que ella não foi a culpada; a pobre criatura cahiu logo sem sentidos, nunca mais os recobrou, e assim morreu; mas os mencionados Padres, desattendendo ao facto de ella ter vivido *sempre* Protestante, fizeram praticar no corpo *insensivel* o segundo baptismo, e a extrema uncção, só porque, como agora ouvimos dizer, havia dois mezes ella estava em relações com os Padres dos Inglezinhos.

«O filho mais velho, hoje de 17 annos, foi servir uma familia, aonde abjurou a sua Religião. Porém o caso principal é com a menina, menor de 9 annos, que foi entregue pela mãe á Escola, dormindo ali, aprendendo, comendo, e vestindo á custa da Escola, e indo occasionalmente a casa de sua mãe, para onde tinha ido na vespera do dia, em que a mãe morreu; e como não viesse á noite, a Governanta da Escola mandou, no dia seguinte, *em seu nome*, buscar a menina; porque a Escola era agora o seu unico domicilio honesto, visto que o da mãe já cessava. A irman tentou leval-a da Escola de noite, e até quiz tiral-a da cama; porém, como não lhe fosse permittido, esperou-a com o irmão no domingo seguinte, no caminho da Egreja para a Escola, e voando a ella, arrancou-a da mão da Governanta, e quiz leval-a comsigo á força; aqui teve logar a scena, que o artigo falsamente enfeita de abraços, lagrimas, etc. etc.; para essas imaginadas ternuras nem houve tempo, porque dois Subditos Britan-

nicos connexos com a Instituição, auxiliaram a Governanta, e quizeram chamar a Guarda, querendo levar o caso immediatamente á presença das Justiças do Paiz; porém, como a Guarda não apparecesse, tiraram a menina das mãos da irman, e a depositaram a salvo na Escola; ao que, o irmão, por duas vezes, deu então o seu consentimento.

«Caso horroroso e confessado, exclamaram os fanaticos precipitados. Porém, por que tiraram a menina da mãos da irman? Foi porque essa irman é uma rapariga de vida deshonesta, e impropria para dar exemplo á menina orphan; mas tem tido a astucia de enganar ha seis mezes os Padres dos Inglezinhos com uma fingida conversão; elles teem tido a bonhomia de mandar um dos seus clerigos exhortal-a, e ensinal-a, e até teem pago o sustento d'ella; por cuja generosidade, indubitavelmente, ella e o seu amasio devem ser mui agradecidos aos zelosos clerigos. Até aqui estamos de posse de superabundante evidencia, para provarmos judicialmente os factos, que com magua allegamos em nossa propria defeza; e aos quaes somente ajuntaremos que já antes do tentado *rapto pela irman*, a Commissão da Escola franca Britannica havia requerido, ao respectivo Juiz Conservador, a reunião de um conselho de familia, e nomeação de um tutor á menina, o que teve logar no dia 13 do corrente, com assistencia do respectivo Curador geral dos orfãos; e este, com o tutor nomeado, concordaram em que a menina continuasse a ser educada na Escola franca Britannica; a qual o seu jornal chamou

«*covil de perdição, carcere privado, activa officina de venenos, prostìbulo de almas, peor e mais odioso que o dos corpos*;» ali está a menina, satisfeita e contente, dizendo espontaneamente com a sua propria bocca, que a Governanta da Escola é agora a sua mãe; e ahi pode ser vista, e a Instituição examinada pelos «*Magistrados, o Prelado, e pelo proprio Governo*».

«E eis ahi, snr. Redactor a *Insoffrivel audacia Protestante*, que em casos taes nunca se humilhará; e soffram n-a como podérem todos os Cathechistas fanaticos, de cuja «oficina» (não duvida a Commissão) foi suggerido o venenoso, o incendiario libello; e a estes aconselhamos de nos deixarem viver na paz e socego com que desejamos miral os, e estarmos para com todos; pois sendo a nossa Capella aqui estabelecida por Tratado, e o livre exercicio da nossa Religião a nós assegurado pelo mesmo, e pelas Leis actuaes d'este Paiz (artigo 6.º da Carta Constitucional), os intolerantes podem ter a certeza que nós não deixaremos de sustentar legalmente os nossos direitos; no que estamos certos que o Governo de Sua Magestade Fidelissima, e todos os bons Portuguezes, nos coadjuvarão, pois até agora não temos senão a agradecer a tolerancia e fraternal tratamento, que temos recebido do Governo, Clero, e Povo Portuguez.

«Somos, snr. Redactor, de V. veneradores e creados.

«*Os Membros da Commissão Administrativa da Escola franca Britannica*».

CXLIII

Resposta á carta precedente

(Junho de 1843)

I

Em dois fundamentos, segundo parece, assenta a illustre Commissão o titulo de *calumniadores*, com que nos mimoseia:

1.º—em não fazer prosélytos no gremio e á custa da Religião do Estado; e

2.º—em não ter commettido o rapto que lhe imputámos.

E d'estes dois pressuppostos deduz, que as consequencias moraes, por nós inferidas contra ella, foram injurias; pelo que, nos requereu, como retratação, lhe publicassemos a carta que se acaba de ler.

Publicâmol a de boa-mente, não obrigados por Lei (como logo se verá), pois que tudo que disseramos era verdade, mas unicamente pelo desejo de dar gôsto aos cavalheiros que nol o pediam; e porque, ao mesmo tempo, o elucidar esta materia nos parecia coisa de grande interesse.

Os leitores superficiaes apenas vêem n'isto uma questão *theologica*, e por isso ridicula para muita gente. Nós, pelo contrario, entendemos que esta questão de proselytis-

mo inglez é das mais attendiveis, e das mais sérias: tem, ao de cima, a espiritualidade, e o Ceo; no meio, a nacionalidade; no fundo, os interesses materiaes. A sua mesma bôrra é oiro. Qualquer d'estes tres motivos, ainda sem os outros, sobraria para nos obrigar a não largal-a.

II

Mas entremos já nos factos.

Negam redondamente os Ill.mos Membros da *Commissão*, o que nós redondamente haviamos affirmado; isto é: o roubarem, por via da sua Escola, catholicos para o Protestantismo. Já n'essa negação confessam tacitamente, que o fazel-o seria tôrpe e reprehensivel.

Sem pretendermos inculcar que S. E. o Embaixador de Sua Majestade Britannica, nem tal ou tal Inglez em particular, haja sido autor, perpetrador, consentidor, ou sabedor, de tão vergonhosas empalmações, insistimos em que ellas se teem feito: em que filhos de catholicos portuguezes, e baptisados segundo a Egreja Romana, teem sido pela Escola franca Britannica pervertidos na sua crença.

Temos na nossa pasta, e debaixo da nossa mão, um rol circumstanciado de perto de quarenta d'estes infelizes, com os seus nomes, filiação, naturalidade, e certidão de Baptismo. Onde nos requererem rasão do nosso dito, dal-a-hemos; e ainda avantajada, pois ficamos reunindo e procurando novos documentos.

Sabemos, de sciencia certa, que, desde a

origem d'esta Escola até hoje, a metade (pouco mais ou menos) dos alumnos ali mantidos hão sido crianças catholicas, pela maior parte pobres, sendo a condição da sua educação, sustento, vestuario, etc., o conformarem se com as doutrinas dos Protestantes. *Omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.*

Felizmente, a par com a mina diabolica, tem por ora estado a contramina santa. A vigilancia e zelo dos Padres dos Inglezinhos, a quem todos (excepto os Protestantes) fizeram sempre justiça, teem podido reconduzir para o rebanho fiel algumas das ovelhinhas desgarradas.

Tambem d'estas, onde convier, poderemos apresentar rol.

¿Não será isto intrometter-se com a Religião do Estado? Logo, confirmamos, com a mais intima convicção, os titulos que a esta Escola, e Seminario protestante, haviamos dado, de «*covil da perdição, activa officina de venenos, prostibulo de almas, peor e mais odioso que o dos corpos.*»

III

Resta examinar, se o outro título, que tambem lhe démos, de *carcere privado*, será injuria.

O ter sido a menina forçadamente detida, contra a vontade de sua irman mais velha, desde o dia 2 de Maio até ao dia 13, é facto.

E' tambem facto, que dois Negociantes inglezes a tiraram dos braços de sua irman, e a fecharam á chave na mesma Escola.

Que seu irmão consentisse no rapto, é falso. O infeliz mancebo oppôz-se; e até, quando um dos Inglezes, escoltadores da raptada, correu, para separar dos braços da irman mais velha a mais nova, que chorava e queria seguil-a, persuadido que iam espancar a animosa donzella, com um braço vigoroso o repelliu e arremeçou. A final, sim, vendo que os lobos não estavam resolvidos a abrir dos dentes a preza, e que os mais fracos nada poderiam ali contra a violencia bruta dos mais fortes, disse a sua irman que os deixasse... que os deixasse, e se retirassem; como fizeram.

Se elle e ella, que assim o relatam, podem, como partes interessadas, ser suspeitos, as mesmas (e mais fortes) rasões militam ainda contra os que sustentam a negação.

Se a menina teve relações anteriores com a Escola, por vontade de sua mãe, não faz isso nada ao caso, visto que, pelas Leis de todas as Nações, os actos das pessoas que morrem intestadas morrem com ellas.

Não podendo pois negar o rapto (que bem claramente está confessado na carta supra) a *Commissão* forceja ao menos por defendel-o. ¿Mas como? vanmente, illegalmente, hediondamente: processam, por sua autoridade propria a irman mais velha (¡os Inglezes até já são tribunal n'esta boa terra!); condemnam-n-a como rapariga *de vida deshonesta, impropria para dar exemplos á menina orphan*; *e astuciosa, que tem enganado ha mais de seis mezes aos Padres dos Inglezinhos com uma fingida conversão.*

Pejamo-nos de repetir, mas que seja para a *defensa*, o mais que elles amontoaram para a *calumnia*.

¡Entram nos segredos dos corações, e nos motivos que a influiram para a sua conversão á Fé catholica! e, depois de a prostituirem com as suas palavras, arremettem com os Padres dos Inglezinhos, ¡criminando-os, porque procuram cural-a da prostituição! E' o mesmo, que censurar ao medico por visitar aos doentes, e não aos sãos.

IV

Mas... que nos respondam precisamente:

Se a vida d'esta rapariga, antes da sua conversão á Fé catholica, tinha sido como elles a pintam, ¿onde recebeu ella as lições da moral?

Ella foi educada na Escola franca Britannica; tudo quanto aprendêra de costumes, lá o aprendêra.

Se, porém, a sua vida não é irreprehensivel (como de feito não é) ¿que havemos de pensar de tão descavalheira, de tão monstruosa increpação?

Se, recebida n'uma familia honesta, desde que abjurou os erros da Escola, ella está sendo, pelo contrário, um exemplar de bons costumes, ¿que havemos de dizer da verdade e da religião dos que trazem a innocente amarrada, como mulher adúltera, para que o povo a apedreje? ¿dos que blasphemam a Magdalena convertida, e a quem, imitando a Christo, absolve e demitte em paz a pri-

meira, favorece e louva a piedade da segunda?

São amostras da Religião prática dos Protestantes.

V

E' pois tão *mentido* e *calumnioso* o que n'esta segunda parte historíam, como o que historiaram na primeira.

¿Mas quando fosse literalmente verdadeiro?

Quando esta rapariga houvesse tido no seu comportamento moral algum desvio, quando os Inglezes da Escola tivessem autoridade para serem n'isso juizes de facto, e de direito, ¿como é, que da sentença que lhe davam de leviana, inferiam, *ipso facto*, que perdia a autoridade, que por morte da mãe naturalmente se lhe devolvêra, para tutelar a irman pequena, em quanto a Lei e seus executores não providenciavam?

E, ainda depois de mostrado que o seu comportamento particular a inhabilitava, ¿como é que d'ahi se concluia que a filha e irman de *Catholicos* (e de *Protestantes* que fosse) ficava pertencendo á tolerada Escola franca Britannica?

VI

Concluem os propagandistas protestantes pedindo que os deixem em socego.

Façam outro tanto para comnosco, e serão satisfeitos. Deixem as artes vergonhosas da suggestão, do subôrno, e do rapto, e nunca mais falaremos n'elles. D'aqui até lá, havemos de velar, como Catholicos, na defensão do Catholicismo; como Portuguezes, na

dos interesses d'este Reino, como homens que nos presamos de ser, na causa dos desvalídos contra os oppressores.

Novamente supplicamos aos Padres Catholicos, aos Prelados, ao Governo, á Imprensa, e a todos, e a cada um, que tragam ôlho aberto á espreita d'estes *furta crianças*, e todos os sentidos bem apurados para descobrir as tramas surdas e sempre crescentes d'estas seitas, que, dizendo-se *religiosas*, mas tolerando e protegendo a mentira como a verdade, não tendem a final senão ao reino d'este mundo.

(*Rev. Univ.*)

CXLIV

Os protestantes

(Junho de 1843)

Sarah T. é a Ingleza catholica irman da menina raptada.

Quinta feira 1 de Junho entra em casa de Sarah T. um rapaz, que, da parte da mestra da Escola protestante, lhe noticía que sua irman desappareceu, e lhe pergunta se tem d'ella algumas novas. Sobresaltada lhe responde que não; e era verdade; mas que vai sahir a procural-a, e, achando-a (como espera em Deus), reconduzil-a-ha ao Collegio.

Apenas quite do emissario, corre a casa de uma familia muito virtuosa, e catholica, visinha d'onde sua pobre mãe havia expirado. Ahi soube então que sua irman, aproveitando-se de uma aberta, propícia aos desejos, que sempre tivera, de se esquivar ás mãos de quem por fôrça a havia captivado, fugíra acceleradamente e sem chapeo, e viera acolher-se na mesma casa, dando parabens á sua fortuna por aquella hora doirada de seu livramento.

O que Sarah acabava de ouvir, pouco tarda que os seus olhos, que os seus braços, que o seu coração exultando, lh'o con-

firmem. Sua irman já se lançou ao seu pescoço. Já as lagrimas de ambas, que desde aquelle antigo encontro no caminho para a Capella haviam corrido solitarias, se misturam e perdem, confundindo-se o amargor com que até ali lhes refluiam para as entranhas da alma.

Sarah, observante escrupulosa dos seus deveres, até dos mais dolorosos, arranca-se de repente á doçura de tão inesperada posse, dirige-se á Escola, declara onde está a menina, e a sua determinação de a restituir apesar d'ella; mas pede, como graça, que lh'a deixem ainda esta noite em sua companhia.

Um dos vogaes da Commissão (Junta) administrativa, que n'este momento acaba de entrar, mais morto do que vivo, com a vergonha que de um tal acontecimento lhes resulta, pede a Sarah o encaminhe á presença de sua irman, para a reconduzirem ao Collegio.

Vendo-os entrar... a menina se oppõe ao que ella julga segundo rapto. Nem ameaças nem caricias, a demovem; e repete, soluçando, que não tornará a pôr lá os seus pés. O que o emissario não venceu, conseguiu-o a suave autoridade da irman, que, pela sua mão, e em companhia d'aquelle mesmo cavalheiro, d'aquelle membro de uma Junta, que havia forcejado por destruir no mais melindroso ponto o seu crédito feminil, a levou generosamente para o poder de seus communs inimigos.

A despedida das duas irmans ás portas do Collegio não carece de ser descrita. ¿Quem ha ahi que a não imagine?

*

E este facto passava no proprio dia de quinta feira ultima, talvez na propria hora em que o nosso jornal andava espalhando a carta da illustre *Commissão administrativa* em que se liam estas palavras:

«Ali *(na Escola)* está a menina *contente*, dizendo espontaneamente, com a sua propria bôcca, que a Governanta da Escola é agora *a sua mãe*. Ahi— acrescentavam elles ainda —pode ser vista, e a Instituição examinada pelos magistrados, o Prelado, e pelo proprio Governo.»

Na verdade, que os *Magistrados*, o *Prelado*, e o proprio *Governo*, á vista de tão edificante lealdade, e de uma veracidade tão manifesta, nada teem por que se intromettam com os actos dos Inglezes protestantes em Portugal, que já se vê como respeitam a Religião e as Leis do Estado que os toléra.

Deixem-n os viver (como elles pedem) em paz e socego.

Se a final os cemiterios de S. João, dos Prazeres, e da Ajuda, se vierem encorporar no da *travessa dos Ladrões*; se o Bispo de Gibraltar vier residir em S Vicente de Fora... bagatella; são questões *espirituaes*.

Se, além de tantas parcialidades politicas, em que o Reino está dilacerado, lhe sobrevierem novas desmembrações religiosas; se aos odios velhos se accumularem os implacaveis odios de mil seitas disparatadas e rivaes, e por ellas se metter a perturbação nas familias, nas cidades, e nas provincias... bagatella, pura bagatella.

¿E a essa insensatez, professada por alguns, se dá o nome de sublime *philosophia*?!

Pois bem: que vão com ella. O processo, registal-o ha a Historia, e a Posteridade o sentenciará á vista dos documentos, como nós hoje sentenciamos a ensanguentada chronica da origem, estabelecimento, e progressos, das variações da Egreja protestante.

Em realidade, é triste a scena que se hoje está representando, e mais triste a indifferença com que se considera: os Protestantes, querendo invadir descaradamente o Catholicismo; os representantes da Côrte de Roma dando-lhes armas, pela sua ingerencia usurpadora nos negocios do seculo, pelo seu anachrónico menoscabo das immunidades ecclesiasticas d'este Reino.

O Ultramontanismo, esquecendo-se de que estava morto, levanta-se horrivelmente, como cadaver galvanisado; corre a passo e passo as provincias; e com os olhos fechados (que nunca mais os ha de abrir á luz) vai passando as suas mãos ferrenhas sobre as Mitras, e sobre um Diadema do seculo XIX, como o fazia sobre as Mitras e os Diademas dos seculos barbaros da edade-média.

O Governo deve vigiar e reprimir egualmente estes dois inimigos: o Ultramontanismo, e o Protestantismo; inimigos pessimos, que, detestando-se mutuamente, e combatendo-se como furiosos no campo theologico, no campo politico se dão as mãos para nos perderem, tirando cada um d'elles das vantagens que o seu adversario lhe levou, uma nova fôrça para melhor expugnar a nossa independencia. *(Rev. Univ.)*

CXLV

Brancas

(Junho de 1843)

Em uma carta á *Restauracão*, relata o Juiz de Direito de Tavira dois casos de superstição popular, dignos em verdade de ser vulgarisados.

*

As bruxas, feiticeiras, ou (conforme a nova phraseologia) *brancas*, estão, segundo o Magistrado, muito em moda n'aquella provincia. Muitos exemplos o comprovam, mas eis aqui os mais recentes.

*

Pelos principios de Abril, José Viegas, do casal da Soalheira, de Valle da Murta, na serra, freguezia de Santa Maria do Castello da cidade de Tavira, sente á meia-noite baterem-lhe a porta, e perguntarem-lhe por seu filho. Julgando que lh'o veem buscar para soldado, abre. Tres ou quatro furiosos, precipitando-se sobre a familia, a espancam, e deixando-a amarrada desapparecem, levando a mulher do dono da casa para um sitio

afastado, onde, a titulo de bruxa, ou *branca*, a deixam por morta.

Ao escurecer do dia 20 do mesmo mez, quando já a infeliz começava de restabelecer-se, tornam por ella, arrancam-n-a segunda vez ao seu casal e á sua familia, segunda vez a maltratam com golpes, principalmente na cabeça, com que ficou para render a alma. A sua pertinácia em querer ser *branca*, diziam elles, era a que lhe attrahia aquelle castigo.

*

Não pagos com o primeiro auto-de-fé, estes inquisidores de vocação correm em procura de outra victima.

A's 2 horas depois da meia-noite, Joanna de Jesus, de 40 annos de edade, é arrebatada do casal da Malhada do Tição, ao leito do seu marido, e aos braços de seus tres filhos, a cujo mais pequenino ainda dava de mamar, arrastada a pequena distancia da habitação, e tratada por modo que, feita pedaços, pouco depois era finada, não lhe chegando a vida para mais do que declarar, que a matavam pela dizerem sócia na bruxaria da outra da Soalheira, que já deixavam castigada.

Sobre ambos estes factos procederam as Autoridades ás investigações do seu officio; porém a 28 de Abril, data da carta, nada se havia ainda descoberto sobre quem fossem os perpetradores do maleficio.

*

Se um jornal não fosse, e não devesse ser, um livro para o Povo, nada acrescentariamos; como, porém, o deve ser, e o é, faremos (segundo o nosso costume) alguma breve reflexão, para proveito dos menos instruidos. O contar só é parte do mistér do escritor público; com o ensinar é que elle se completa. Se todo se cifrasse no contar, qualquer barbeiro ou senhora visinha suppriria a uma Redacção.

*

A dois generos capitaes se reduzem as abusões relativas a demonios, contra as quaes são egualmente interessadas a Philosophia, a Politica, e a Religião: a Philosophia, porque detesta os absurdos; a Politica, porque deve reprimir os crimes; e a Religião, por uma e outra causa.

As primeiras d'estas abusões são a demasiada crença no poder dos demonios sobre as criaturas humanas; as segundas, a fanática e impia credulidade do poder humano sobre os demonios. Só falaremos aqui d'esta segunda.

As bruxarias, feitiços, magias, e quaesquer outros meios sobrenaturaes, com que, auxiliado pelos demonios, se presume que alguem pode descobrir arcanos do futuro, ou do passado, mudar o curso natural dos acontecimentos, ou effectuar maravilhas, de qualquer genero que sejam, são, em todos os casos, falsidades ridiculas, tão reprovadas pela Theologia, como pela Philosophia.

Nenhum pacto voluntario se pode dar entre os homens e os espiritos réprobos, por onde os primeiros obriguem aos segundos a servil-os. A ignorancia, de uma parte, da outra a velhacaria, produziram, em tempos tenebrosos e barbaros, essas crenças absurdas, e as vieram trazendo vivas até aos nossos dias.

Se os códigos criminaes comminaram sempre penas contra os praticantes de taes obras; se alguns autores ecclesiasticos respeitaveis, se alguns concilios, os condemnaram; se muitos tribunaes, assim religiosos como profanos, sentenciaram reos por taes malfeitorias, tudo isso deveu unicamente significar, que n'esses actos havia uma parte, altamente condemnavel como anti-christan, e anti-social. Mas essa parte não era o pacto das trevas, que não existia, nem podia existir; mas sim o abuso, que se fazia dos entendimentos fracos e incultos, e muitas vezes tambem das ideias e objectos sagrados, que se fingiam tomar por instrumento de obras, que só por uma velhacaria refinada se consumavam.

N'este sentido, o que se dá por *feiticeiro* merece em verdade um castigo severissimo.

Aos Bispos e Parochos toca extirpar, á fôrça de explicações, e paciencia, esta credulidade absurda e perigosa; e ás Autoridades profanas diminuir entretanto, pela fôrça, os frutos d'ella.

Toda a mulher, que a si mesma se dá por bruxa, merece que a Policia empregue toda a severidade para lhe tirar a prenda. Toda aquella, porém, que, sem culpa sua, alcançou

tal titulo, deve ser pela mesma publica Autoridade protegida contra as violencias brutas dos assassinos por fanatismo.

Todas as nossas provincias offerecem, mais ou menos exemplos de uma e outra coisa; mas a do Algarve é a que mais attenção está requerendo aos Chefes politicos e espirituaes.

(*Rev. Univ.*)

CXLVI

Amores trágicos.

(Julho de 1843)

Se a vespera de S. João foi assignalada n'esta cidade, como já contámos, por um incendio, um espancamento, e um infanticidio, e, segundo é fama, por um suicidio tambem, sahindo na manhan seguinte ás praias do Tejo um cadaver; a vespera de S Pedro teve não menos o seu homicidio, e realçado pelo apparato festivo do sitio onde se commetteu, e pelas circumstancias que o acompanharam.

*

Eram 9 horas da noite. A Praça da Figueira, estava cheia de luzes, de palmitos, de capellas, de ramalhetes, de letreiros amorosos, de vestidos de chita novos, cordões, e arrecadas de oiro nas collarejas. No terreiro, danças e descantes, ao som de violas, flautas, e ferrinhos; por toda a parte giravam ranchos. A terra estava contente; o ceo muito estrellado; as viraçõe tépidas bafejavam amores para dentro da alma, pelo menos ali, onde tantas coisas namoravam os sentidos.

D'entre as vendedeiras, cujos suaves pregões, a espaços, mais freguezes attrahiam e demoravam, uma queijadeira se notava ali, bella por moça, bella por bella, e bella até por festejada. Em derredor da lanterna do seu taboleiro, todos os olhos (ainda os menos cubiçosos) iam esvoaçar, e abrazar-se como borboletas. Mais de um gastrónomo, comeu das suas queijadas sem lhes tomar o gôsto; mais de uma distrahida mão, recebendo ou pagando a sua mercadoria, poude dar testemunho do macio e assetinado de seus dedos.

Entre um cardume, porém, de episodios futeis d'este genero, que a todos os momentos principiavam e feneciam, dois personagens avultam ali, permanentes na primeira luz do quadro (diriam os que falam fino), ou ao-pé do taboleiro das queijadas (como se expressaria toda a gente.) Ambos amantes, e ambos amados, se em mostras nos podemos fiar; mas um, amado no pretérito; o outro, no presente; do futuro... nem ella mesma se atreveria a affirmar coisa alguma.

As conversações, os sorrisos, os signaes de intelligencia entre a *hamadryade* e o seu *sátyro* (que vol-o não hei de despoetisar chamando-lhe *bolieiro*) quebravam os olhos a todos; ¡que não farïam ao coração do pobre inactivo, a quem, por mero effeito, ou de feminil caridade, ou de feminil previdencia, a cruel apenas (conforme nos foi contado) lançava de longe em longe um volver de olhos, semelhante .. semelhante a quem, depois de ter dado o miolo de uma queijada a outrem, vos atirasse com as cascas!

¿E quem era esse outrem, a quem o mio-

lo se offerecia? um valentão, affirmam-nos, de ditos e feitos tão bons (ou tão maus) que mais de uma vez, seu proprio pae lhe havia prognosticado triste fim.

Não podendo soffrer por mais tempo a presença e os triumphos de um rival, mui fraco para fugir, e mais fraco ainda para afugental-o, o amante preferido puxa secretamente por um ferro. Antes que alguem haja podido impedir-lhe ou adivinhar-lhe a acção, mergulha-o inteiro no coração ébrio de felicidade... e desappareceu.

(*Rev. Univ*).

FIM DO QUARTO VOLUME

INDICE

	Pag.
CV—Distracção	5
CVI—Singular causa de incendios	7
CVII—Dois phenómenos encontrados	9
CVIII—Ruina desastrada	13
CIX—Napoleão, ou a conjuração dos artistas	15
CX—O carnaval	17
CXI—Tratamentos	19
CXII—Philocania de um Inglez	23
CXIII—O Cometa	27
CXIV—Um jarreta do peralvilhismo	31
CXV—O cometa	35
CXVI—Horror sobre horror	37
CXVII—Verdadeiros monumentos	41
CXVIII—Benzeduras	45
CXIX—O passeio dos domingos	47
CXX—Atum	49
CXXI—A questão do theatro novo	53
CXXII—Gaz lucifero	59
CXXIII—A luz pintora	63
CXXIV—Vinho de laranjas	65
CXXV—O incendio do Collegio dos Nobres	67
CXXVI—Portuguezes escravos	81
CXXVII—O Monumento de D. Pedro	85
CXXVIII—O pagem de Aljubarrota	87
CXXIX—Guerra aos ratos	91
CXXX—Mais um quadro para a galeria christan	95

Pag.

CXXXI—O cipreste frutifero..... 101
CXXXII—Phrenómetro.. 105
CXXXIII—Magnetismo..... ... 107
CXXXIV—Mais uma vez o Monumento de D. Pedro..... 109
CXXXV—Serão musico..... 113
CXXXVI—A alguem interessará..... . 115
CXXXVII—Insoffrivel audacia protestante.. 119
CXXXVIII—Abuso de liberdade...poetica... 123
CXXXIX—Um barbeiro que escanhôa de veras..... 125
CXL—Açoites..... 127
CXLI—Galeria dos contemporaneo s... 129
CXLII—A Escola Britannica 131
CXLIII—Resposta á carta precedente ... 137
CXLiV—Os protestantes..... 145
CXLV—Brancas 149
CXLVI—Amores trágicos 155

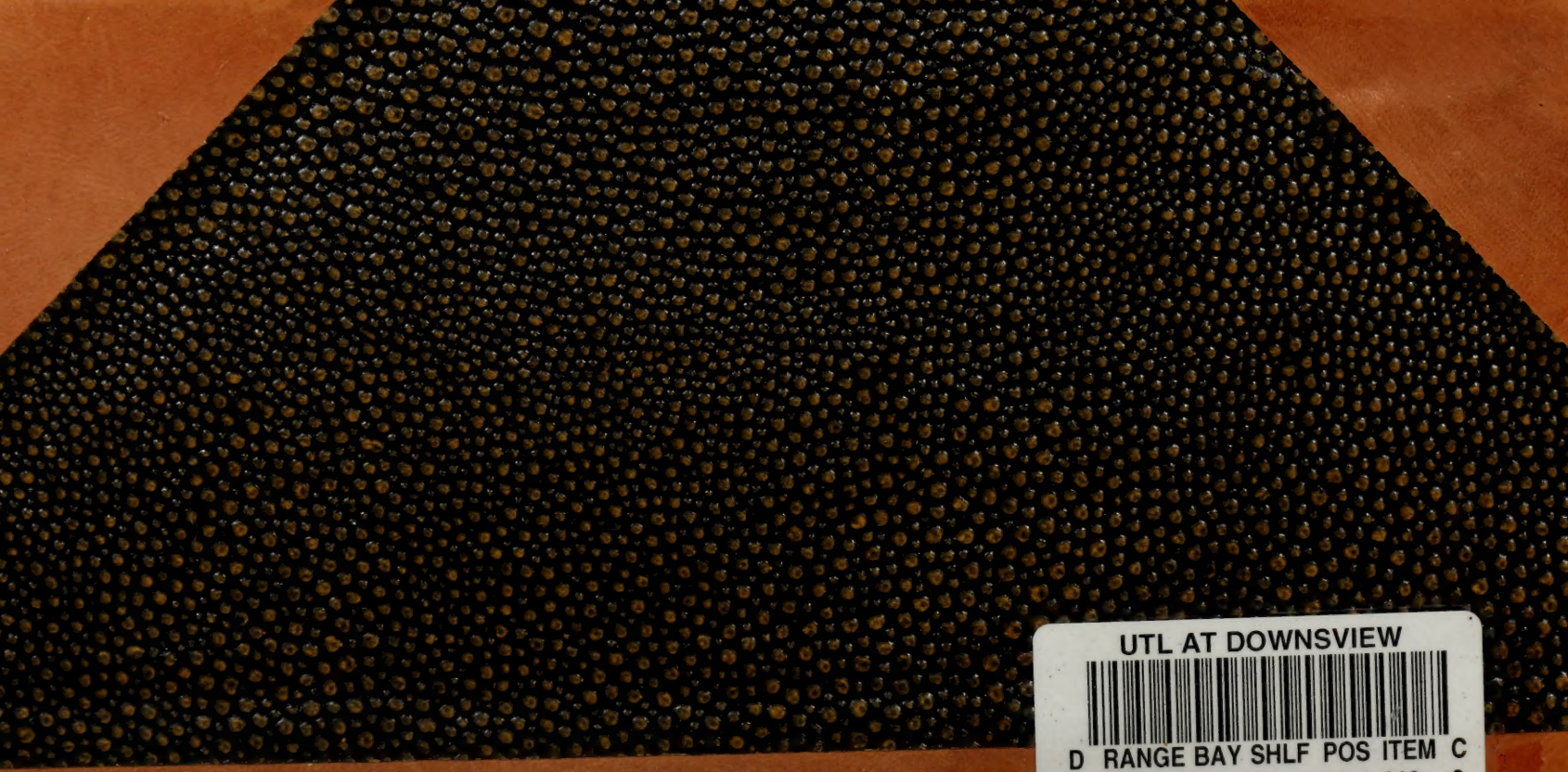
3 — **Cartas de Ecco e Narcizo**, verso.
4-5 — **Felicidade pela agricultura**, 2 vols.
6-7 — **A primavera**, verso, 2 vols.
8 a 15 — **Vivos e mortos**, spreciações morais, liter rias e artisticas, 8 vols.
19-20 — **O presbyterio da montanha**, prosa, 2 vol
21-22 — **O outomno**, verso, 2 vols.
27-28 — **Novas escavações poeticas**, verso, 2 vol
29 a 32 — **Theatro**, Camões, drama e notas, 4 vol
33 — **Theatro**, Canáce, tragedia original.
34 — **Theatro**, Um anjo da pele do diabo — casamento de oiro, comedias.
35 — **Theatro**, Aristodemo, tragedia. A vol inesperada, farça.
36 — **Theatro**, A festa do amor filial. A fil para casar, comedias.
37-38 — **Palestras religiosas e consolações**, pro e verso, 2 vols.
39 a 45 — **Casos do meu tempo**, prosa, 7 vols.
46 — **Estrelas poeticas** para o ano de 1853, vers
47 a 50 — **Télas literarias**, prosa, 4 vols.
51 — **Os ciumes do bardo**, As flores, e a co fissão de Amelia, verso.
52-53 — **Mil e um misterios**, romance dos roma ces, 2 vols.
54 — **A noite do castelo**, poema.
55 — **Tributo portuguez á memoria do Libe tador**, prosa.
58 a 60 — **Novas télas literarias**, prosa e verso, 3 vo
61 a 63 — **Methodo Portuguez de Leitura**. Direct rio do mesmo, 3 vols.
64-65 — **Castilho pintado por êle proprio**. As escol dos asilos de Infancia desvalida, 2 vo
66 — **Felicidade pela instrução**.
67 — **Ajuste de contas**.
68 — **Noções rudimentares para uso das esc las**, 2 vols.
70 a 72 — **Resposta aos novissimos impugnador do Methodo portuguez**, 3 vols.
73 a 75 — **Tratado de Mnemónica**, 3 vols.
76 — **Ou eu ou eles**, e Tosquia de um camel
77 a 80 — **Cartas**, 4 vols.

PQ
9261
C34C35
v.4

Castilho, Antonio Feliciano
Casos de meu tempo

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 06 013 3